

JAN-FEV DE 2016

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 13,80



DE OLHO NO FUTURO

O desafio de pastorear
a juventude do século 21

**O DESAFIO DA
MOBILIZAÇÃO**

**O PÚLPITO DAS
NOVAS GERAÇÕES**

Grandes desafios, grandes possibilidades



Wellington de Moraes

No fim de 2014, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) publicou um amplo relatório populacional intitulado *The Power of 1.8 Billion: Adolescents, Youth and the Transformation of the Future*. Esse estudo constatou que, na ocasião, existiam no mundo 1,8 bilhão de jovens entre 10 e 24 anos, número nunca antes alcançado na história da humanidade. No Brasil, por exemplo, estima-se que haja 51 milhões de jovens em nossos dias, cerca de 25% da população nacional.

Estatísticas referentes a essa faixa etária na Igreja Adventista do Sétimo Dia na América do Sul também apresentam números expressivos. De acordo com a secretaria da sede sul-americana, em seu território, cerca de 55% (1,2 milhão) dos membros batizados são compostos por pessoas com menos de 35 anos. Assim, os números mundiais e denominacionais apontam para a mesma direção: vivemos em um cenário no qual a juventude tende a assumir um papel de destaque em todos os aspectos.

Essa realidade deve ser considerada no contexto adventista com um misto de alegria e preocupação. Por um lado, numericamente a igreja conta com um grande grupo de jovens capazes de se envolver na missão. Por outro, o relatório denominacional sul-americano também indica que 68% do total de pessoas que deixam a igreja fazem isso nessa faixa etária.

Diante desse quadro preocupante e desafiador, o que podemos fazer para discipular os jovens a fim de que cresçam em seu compromisso com Deus, estejam envolvidos na missão e se preparem para a vinda de Cristo?

Em primeiro lugar, quanto mais cedo começarmos o processo de discipulado, melhor. Não podemos subestimar o interesse das crianças nos assuntos relacionados ao reino do Céu. Como pastores, devemos aproveitar todas as oportunidades formais e informais que envolvem a vida da igreja para desenvolver na mente dos pequeninos o amor a Deus, a Seu povo e Sua missão. Para que isso ocorra, é necessário pensar de maneira estratégica como proporcionaremos às crianças oportunidades

de crescimento e engajamento espiritual, de tal maneira que elas cresçam imersas em um ambiente altamente identificado com a cosmovisão cristã.

Outro ponto importante nesse processo está relacionado à proximidade. Conforme o tempo avança, é natural que haja certa distância entre as gerações. Contudo, precisamos nos manter próximos das crianças, dos adolescentes e jovens da igreja, por meio de atividades agradáveis, edificantes e intencionais. Nas ocasiões informais, abre-se a oportunidade de se construir pontes que liguem o coração dos pastores ao coração dos jovens, com o intuito de conhecer as necessidades juvenis e atendê-las de modo condizente com a fé que professamos.

Além disso, precisamos ser sensíveis às lutas vividas pela juventude de nosso século. Em cada geração, os jovens se deparam com diversos desafios, mas o que temos visto em nossos dias é algo realmente assustador. As implicações do relativismo e as transformações que o universo virtual tem provocado não apenas no conteúdo, mas também na estrutura do pensamento, potencializam a batalha que os jovens enfrentam para se manterem fiéis. Com sensibilidade cristã, precisamos ser sábios para acolher, aconselhar e direcionar nossa juventude a um relacionamento dinâmico e profundo com o Salvador.

Por último, devemos manter inabalável nosso compromisso com a doutrina e a ética demonstradas nas Escrituras Sagradas. A juventude tem sido cada vez mais crítica quanto às incoerências de líderes e comunidades cristãs. Como pastores, precisamos viver à altura do chamado e da vocação ministerial, a fim de ter acesso ao coração de nossos jovens. A coerência abre espaço para o diálogo e ao discipulado nos caminhos de Jesus.

Embora o desafio seja grande, as possibilidades são ainda maiores. Ellen White foi contundente ao dizer que “o Senhor designou os jovens para que sejam Sua mão auxiliadora”. Sobre nós, recai a responsabilidade de prepará-los para isso. **IM**



Como pastores, precisamos viver à altura do chamado e da vocação ministerial, a fim de ter acesso ao coração de nossos jovens. A coerência abre espaço para o discipulado nos caminhos de Jesus.”

Wellington Barbosa
Editor

10 As crianças e a missão

Linda Koh

Não subestime o que elas podem fazer no contexto missionário

14 O púlpito das novas gerações

Odailson Fonseca

Dicas práticas para preparar sermões que alcancem o coração dos jovens

16 O desafio da mobilização

Roberto Giordana

Como engajar a juventude da igreja na missão

18 Oportunidades

Erton Köhler

Saiba o que a Igreja Adventista está planejando para superar os desafios de 2016

20 Missão adventista: do despertar ao engajamento

Wagner Kuhn e Marcelo Dias

Reflexões a respeito das tendências das missões adventistas

24 Particularidades do pensamento hebraico

Eduardo Rueda

Compreenda as principais características da cosmovisão hebraica existentes no texto bíblico

28 Os cristãos e a homossexualidade

Roy E. Gane

Princípios do Antigo Testamento para orientar a conduta da igreja em relação aos homossexuais

2 Editorial

4 Palavra do leitor

5 Panorama

6 Entrelinhas

7 Entrevista

30 Além das fronteiras

32 Dia a dia

34 Recursos

35 Ponto final

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 88 - Número 522 - Jan/Fev 2016
Periódico Bimestral - ISSN 2236-7071

Editores

Wellington Barbosa e Zinaldo A. Santos

Editor Associado

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria

Lenice F. Santos

Projeto Gráfico

Levi Gruber

Capa

William de Moraes

Colaboradores Especiais

Carlos Hein; Herbert Boger; Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores

Antônio Moreira; Cícero Gama; Cláudio Leal; Edilson Valiante; Edinson Vasquez; Eliezer Júnior; Enzo Chaves; Eufrazio Quispe; Fabian Marcos; Geovane Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Mitchel Urbano; Nelson Filho; Pablo C. Garcia; Waldony Fiúza

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo ou correspondência para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 34 - 18270-970 - Tatuí, SP



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34
18270-970 - Tatuí, SP

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

Redator-Chefe Associado

Vanderlei Dorneles

Chefe de Arte

Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 67,00
Exemplar Avulso: R\$ 13,80



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5499 / 33713

EDITORIAL

Meus olhos se encheram de lágrimas, não tenho vergonha de dizer. Longe disso! Sinto um “orgulho santo” ao me referir a um dos pastores com paixão que têm servido a Deus e ao próximo com amor.

Não sei se é porque trabalhamos na região amazônica, somos amigos ou o admiro. A verdade é que, quando li as palavras “o ocaso do meu ministério institucional”, meu coração bateu mais forte.

Segui lendo, e estas palavras me animaram: “Minha missão institucional está cumprida, mas não posso prever a data em que terminará a missão vocacional. [...] Enquanto em mim houver uma centelha de vida consciente, ‘eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar’ pelo Mestre”. Somente um pastor com paixão, que serviu a igreja por 40 anos e ainda mantém a chama viva no coração poderia escrever isso.

Não são 23 dias, nem 23 semanas. São 23 anos de serviço fiel como editor da revista *Ministério*.

Adeus? Não! Até logo? Poderia ser. Todavia, quero dizer obrigado, muitíssimo obrigado, pastor Zinaldo Santos. Lembre-se de que seguiremos precisando de sua entrega, paixão e experiência. Juntos seguiremos dizendo: “Amém! Vem, Senhor Jesus!”

Carlos Hein

Secretário Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia



William de Moraes

Obrigado, pastor Zinaldo, por ser um pastor comprometido e sempre disposto a servir com dedicação!

Herbert Boger Jr.

Lider do Departamento de Mordomia Cristã da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Voz grave e pausada, amante de frases bem construídas e de palavras bem entoadas, evangelista de sucesso, sempre exaltando a graça de Cristo, o pastor Zinaldo Santos foi chamado para a Casa Publicadora em 1990, assumiu o papel de editor e teve uma carreira abençoada à frente da revista *Ministério* e de outras publicações. Nos muitos anos de companheirismo com ele na Redação, aprendi a valorizar a amizade de um colega sincero e a postura ética de um profissional dedicado e discreto. Em nome de nossa equipe, quero agradecer ao pastor Zinaldo e à sua esposa, Lenice, a dedicação e desejar que Deus os guie em seus novos caminhos.

Marcos De Benedicto

Redator-chefe da Casa Publicadora Brasileira

Trabalhei com o pastor Zinaldo na revista *Vida e Saúde* e admiro seus princípios de pontualidade, seriedade e compromisso editorial.

Vanderlei Dorneles

Redator-chefe Associado da Casa Publicadora Brasileira

O pastor Zinaldo tem preparado alimento espiritual e intelectual a gerações de pastores. Após haver trabalhado vários anos com ele como editor da versão em espanhol da revista *Ministério*, posso atestar sua erudição, humildade e disposição de servir.

Marcos Blanco

Gerente de Redação da Asociación Casa Editora Sudamericana

Minhas palavras de apreço e gratidão ao pastor Zinaldo por todos os seus anos de serviço no ministério adventista. Na vida, a maioria das pessoas começa bem algum projeto; mas terminar bem é para

poucos. Ele está concluindo sua trajetória ministerial institucional com excelência e integridade.

Mitchel Urbano

Secretário Ministerial da União Norte-Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Zinaldo Santos é um pastor que inspira por sua simplicidade e maneira sábia de agir quando se necessita de sabedoria.

Edinson Vásquez

Secretário Ministerial da União Peruana do Sul da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ao longo dos anos, a influência do pastor Zinaldo foi vista em toda a América do Sul por meio de suas mensagens claras, nas quais a Palavra de Deus sempre foi o ponto principal. A União Equatoriana agradece-lhe seu ministério relevante e deseja que Deus o abençoe nessa nova etapa.

Leonel Lozano

Secretário Ministerial da União Equatoriana da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Estimado pastor Zinaldo, quem vive um ministério enquanto escreve, escreve um ministério enquanto vive. O escritor é um comprador de imaginação e um vendedor de ideias. É um colecionador de letras e um decorador de sentimentos. É um engenheiro de crenças e um construtor de sonhos. Quem usa o ministério para escrever oferece um legado que não se aposenta. Obrigado por seu ministério. Aceite o abraço e a gratidão de todos os pastores da União Centro-Oeste Brasileira.

Jair Góis

Secretário Ministerial da União Centro-Oeste Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia

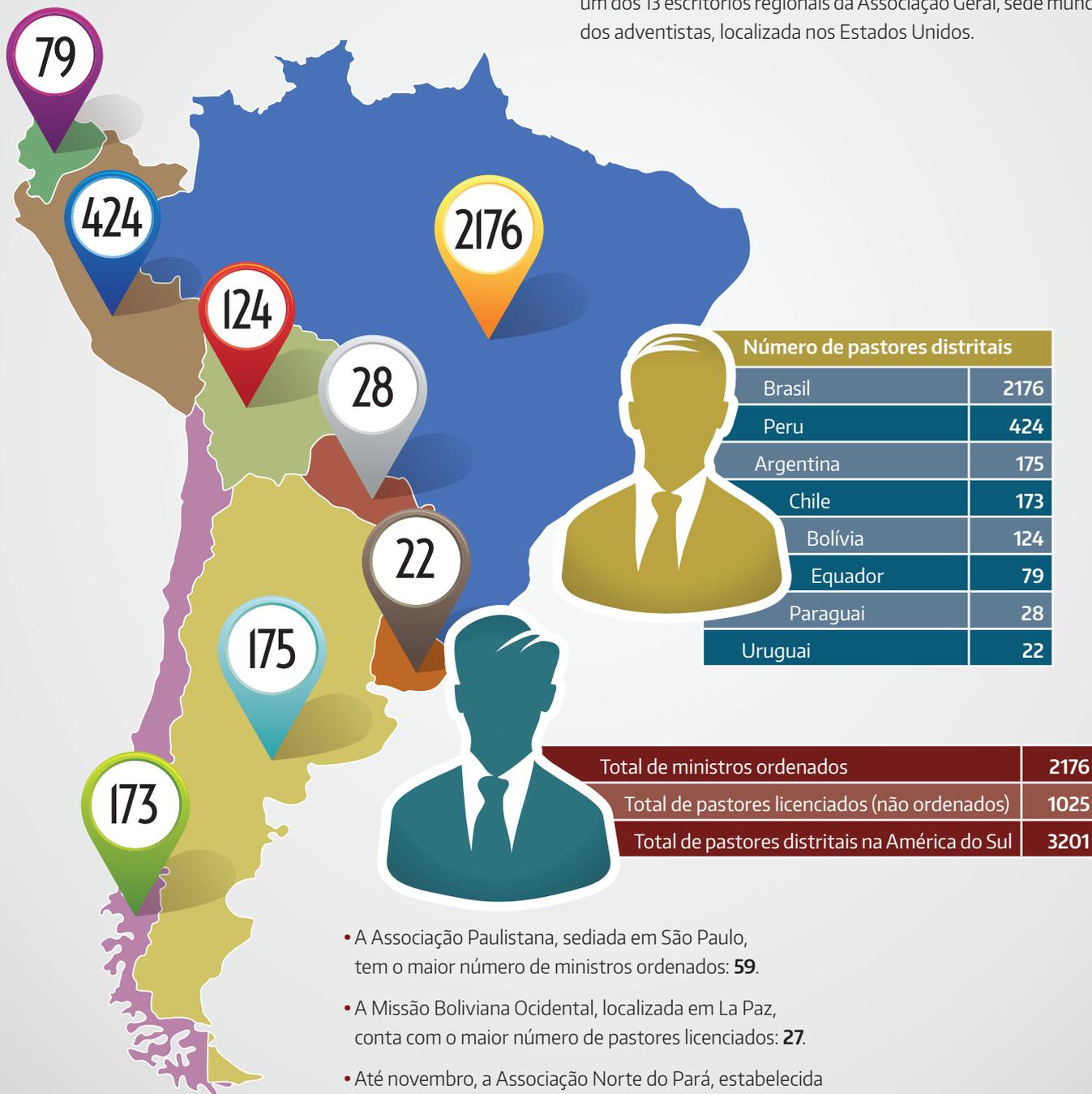
Expresse sua opinião. Escreva para ministerio@cpb.com.br ou envie sua carta para Ministério, Caixa Postal 34, CEP 18270-970, Tatuí, SP.

As cartas publicadas não representam necessariamente o pensamento da revista e podem ser editadas por questão de clareza ou espaço.

Ministério adventista na América do Sul

Diante do desafio de conduzir um rebanho composto por mais de 2,3 milhões de fiéis na América do Sul, a Igreja Adventista conta

com um grupo comprometido de ministros que trabalham diretamente nas igrejas locais. Nesta edição, *Ministério* apresenta o número de pastores distritais existentes na Divisão Sul-Americana, um dos 13 escritórios regionais da Associação Geral, sede mundial dos adventistas, localizada nos Estados Unidos.



- A Associação Paulistana, sediada em São Paulo, tem o maior número de ministros ordenados: **59**.
- A Missão Boliviana Ocidental, localizada em La Paz, conta com o maior número de pastores licenciados: **27**.
- Até novembro, a Associação Norte do Pará, estabelecida em Marituba, possuía o maior grupo de pastores distritais: **75**. O território foi dividido para a criação da Missão Pará-Amapá.



Gentileza DSA

Sonhos, ideais e metas

Como tem você iniciado este ano, querido colega? Acaso tem elevados ideais para os novos 365 dias que o Senhor colocou diante de nós?

Apreciei bastante o artigo escrito pelo pastor Erton Köhler (p. 18), desafiando-nos a não focalizar a crise, mas as oportunidades. Em certa ocasião, o pastor Arnaldo Cruz escreveu: “Às vezes, pedimos que Deus nos mude de situação; sem saber que Ele nos colocou na referida situação para que possamos ser transformados. O que hoje é sua provação, amanhã, será seu testemunho.”

Ao se dirigir a um jovem pastor, Paulo escreveu: “Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis [...]” (1Tm 4:12). O apóstolo não sufocou o zelo juvenil, mas o estimulou para que se tornasse merecedor do respeito dos mais experientes. Paulo também falou aos adultos, advertindo-os a não alimentar pouca consideração pelos jovens que se esforçam em busca de superação.

A carta escrita há 2 mil anos continua dizendo: “Não te faças negligente para com o dom que há em ti” (v. 14). Todos nós fomos agraciados por Deus com dons ou talentos. Alguns têm recebido cinco talentos; outros, dois; outros, um talento apenas. Alguns talentos são herdados e outros são adquiridos. Alguns são naturais; outros, espirituais. Alguns são conferidos diretamente mediante o recebimento do Espírito Santo. Outros são simplesmente ativados por esse Agente divino.

Lembro-me de ter lido, anos atrás, em um livro de Meditações Diárias, que no Novo México, em um acampamento indígena, foram descobertas 100 sementes de cereais. De acordo com o arqueólogo que as encontrou, elas tinham milhares de anos. Durante todo esse tempo, elas permaneceram como que dormindo, sem cumprir o propósito para o qual foram criadas pelo Senhor. Poderiam ter servido de alimento para saciar a fome de

alguma criança, ou semeadas para gerar novas plantas. Contudo, nada disso aconteceu.

Você pode estar se perguntando por que estou escrevendo sobre juventude e dons. A resposta é muito simples. Neste novo quinquênio, a Divisão Sul-Americana se propôs continuar enfatizando em seu plano de trabalho o tema “discipulado”, por meio da *Comunhão*, do *Relacionamento* e da *Missão*. Todavia, será dado destaque especial a quatro aspectos: (1) novas gerações; (2) dons espirituais; (3) comunicação; (4) formação teológica ou preparo de pastores à altura das exigências dos tempos atuais.

Caríssimo colega, você e eu podemos fazer muito nesses quatro aspectos. Quero animá-lo a cuidar com esmero das novas gerações e a não desconsiderá-las. A você, meu incentivo para que desenvolva os dons existentes em suas congregações. Encorajo você a usar com sabedoria os meios de comunicação e as redes sociais, a fim de compartilhar o evangelho. Finalmente, exorto-o a buscar entre crianças, adolescentes e jovens aqueles que serão os futuros pastores que guiarão o rebanho nos momentos finais da história deste mundo.

Lembre-se: Não é suficiente ser um bom pastor ou obreiro. Mais importante é que você e eu sejamos exemplos “para os fiéis”. Convido você a seguir, no transcorrer deste ano, o conselho transmitido por Charles Spurgeon: “Não manche seus dedos que logo tocarão as cordas celestiais. Não permita que seus olhos, que em breve verão o Rei, cheguem a ser janelas da concupiscência. Não deixe que seus pés, que em breve andarão pelas ruas de ouro, sejam-se em lugares lamacentos. Não permita que seu coração, que dentro em breve se encherá do Céu e transbordará júbilo, encha-se de orgulho e amargura.” **M**

“
Não é suficiente ser um bom pastor ou obreiro. Mais importante é que sejamos exemplos para os fiéis”

Carlos Hein
 Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

Mentoreamento de jovens

“O ministério para jovens não é, e não deve ser, orientado por eventos, mas por processos. Isso significa inserir os jovens em um processo no qual eles aprendam a não ter medo de dar tudo, inclusive a vida, por Jesus.”

por *Walter Steger e Wellington Barbosa*

A nota tônica do ministério de Jiwan Moon pode ser definida com as seguintes palavras: mentoreamento de jovens. Filho de pastor, Moon nasceu na Coreia do Sul e cresceu no campo missionário. Após ter se graduado em Teologia na Universidade Adventista das Filipinas, iniciou seu ministério como pastor de jovens em uma Igreja Adventista coreana na Califórnia. Ele trabalhou nos Estados Unidos e no Canadá e, durante esse período, obteve seu mestrado e doutorado em Ministério Jovem, ambos na Universidade Andrews. Casado desde 2006 com Jessica, o casal tem três filhas: Hannah, Rebecca e Isabella. Atualmente, Jiwan Moon é diretor associado do Ministério de Capelania Adventista da Associação Geral, responsável por promover e apoiar as iniciativas destinadas a atender as necessidades espirituais, intelectuais e sociais dos estudantes adventistas nos *campi* de instituições não adventistas e públicas de ensino.

Você tem mestrado e doutorado em ministério para jovens. O que você pesquisou e quais foram suas principais conclusões?

Pesquisei sobre os estágios de desenvolvimento dos jovens e como isso os afeta. Os resultados de meus estudos mostram que, se eles receberem orientação intencional e forem discipulados, serão capazes de se tornar cristãos proativos, automotivados e dispostos a servir a Deus e a viver para a missão. Descobri também que a orientação e o modelo de discipulado que Jesus escolheu começou a partir de um círculo interno de um, depois três, 12, 70 e 120 pessoas. Ele desenvolveu uma relação de mestre e aprendiz com jovens que foram chamados a segui-Lo e a ser como Ele.



gentileza do entrevistado

Você trabalhou com jovens de diferentes culturas. O que há em comum entre eles? O que há de diferente?

Após trabalhar em vários países, descobri que os jovens demonstram as mesmas características essenciais, independentemente da cultura a que pertençam. Eles estão em busca de sua verdadeira identidade, muitas vezes fazendo a pergunta: “Qual é o propósito da vida?” Além disso, necessitam de um modelo/mentor, não apenas para instruí-los, mas para inspirá-los e transformá-los por meio de um autêntico estilo de vida cristão. Por outro lado, percebi como diferença que algumas culturas são mais restritivas, fazendo escolhas pelos jovens, ao passo que outras desafiam seus jovens a fazer as próprias escolhas.

Que papel os jovens estão desempenhando e vão desempenhar nos eventos finais e na pregação do evangelho

a todo o mundo? É importante para a igreja, tanto em nível mundial quanto local, levar isso em consideração? Por quê?

Tenho testemunhado uma juventude em chamadas para Cristo em vários países. Vejo jovens espiritualmente engajados que estão inspirando os mais velhos. Eles são uma luz em suas universidades, ministrando uns aos outros e evangelizando os colegas de maneira poderosa. Descobri que eles desempenham um papel importante em grandes movimentos mundiais. Os jovens têm um sentido muito apurado de justiça social, energia e paixão para fazer o que acreditam ser a coisa certa. O adventismo também é um movimento liderado por jovens. Nós os vemos mudando o mundo à medida que são transformados pelo espírito de Cristo, participando de diversos projetos missionários, como Missão Calebe, Um Ano em Missão, etc. Os discípulos de Jesus foram capazes de abalar o mundo por meio da orientação que receberam do Mestre. Acredito que antes da vinda de Cristo, conforme os jovens forem orientados a se tornar cristãos proativos, que ministram em suas universidades e seus arredores, eles apressarão a vinda do Senhor. Haverá um verdadeiro reavivamento da piedade entre o povo de Deus, liderado por jovens.

De que forma o mundo pós-moderno, com seu fluxo constante de novas tecnologias e de informações, afeta a maneira pela qual os jovens se relacionam com a religião e a igreja?

O relativismo pós-moderno criou a noção de que não há verdade absoluta; tudo é relativo. Atualmente, observo que existem muitas pessoas contrariando essa cosmovisão, dizendo que, de fato, a verdade não é subjetiva, mas objetiva. O conceito de verdade relativa, como retratado nas mídias sociais, desafia os jovens na medida em que eles são bombardeados com

pontos de vista contrários às Escrituras. É dever dos pais, líderes da igreja, pastores e mentores ajudá-los a saber o que é verdade e o que não é, e isso exige tempo, presença, orientação intencional e discipulado.

Quais são os principais desafios enfrentados pela igreja para alcançar o coração da juventude?

Conheço muitos jovens que frequentavam a igreja, mas que hoje não mais a frequentam. Quando questionados sobre isso, muitos respondem dizendo que não

Nossa igreja precisa ser conhecida como um lugar em que os jovens podem experimentar amor incondicional, graça e aceitação de Deus.

tiveram alguém a quem poderiam considerar como mentor. Muitas vezes eles se sentiram julgados e criticados, como se as pessoas apenas estivessem dispostas a apontar os erros deles, em vez apoiá-los e ampará-los. Contudo, a necessidade que sentiam era de encontrar relacionamentos autênticos e afetuosos com pessoas dispostas a sofrer com eles e a permitir que experimentassem a graça de Deus.

Reconheço que, por vezes, os jovens usam isso como desculpa para sua decisão de deixar a igreja. No entanto, estudos apontam que congregações que possuem uma cultura de acolhimento e orientação têm uma forte representação da juventude. Nossos jovens precisam saber que não há nada que possam fazer para que a igreja pare de cuidar deles e de compartilhar

a graça divina com eles. Em outras palavras, nossa igreja precisa ser conhecida como um lugar em que os jovens podem experimentar amor incondicional, graça e aceitação de Deus. Assim eles poderão ser desafiados a ser verdadeiros seguidores de Cristo, tornando-se missionários e embaixadores dele.

Há alguns anos tem-se observado um aumento no número de jovens sem religião ou sem igreja. Quais são as razões desse fenômeno e o que a igreja local pode fazer para contê-lo?

Infelizmente, muitos jovens creem que a religião não mais seja relevante. Eles julgam que as vantagens que podem obter na igreja, podem conseguir em outro lugar, e isso inclui amizades, inspiração para viver de forma altruísta, e até mesmo um senso de valor que acreditam poder obter além de sua identidade como cristãos. No entanto, creio que uma das coisas mais importantes que esteja faltando na vida da igreja é a afirmação de que eles não podem se considerar cristãos a menos que estejam prontos para viver a vida de Jesus, ou seja, a vida de autossacrifício. Chamo isso

de espírito missionário. Na verdade, o ministério jovem era conhecido como Missionários Voluntários (MV), conforme Ellen G. White o chamou, prevendo que ele seria um movimento no qual nossos jovens se tornariam missionários voluntários para Jesus. Contudo, com a mudança de nome para Sociedade dos Jovens Adventistas e, agora, Ministério Jovem Adventista, não existe uma identidade clara no próprio nome que mostre que esse é um ministério que visa inspirar, educar, equipar e capacitar nossa juventude a se tornar missionária. Tive o privilégio de servir a uma igreja por mais de 11 anos. Lançamos ali um projeto chamado ROCMM (Reach-out & Care Missionary Movement). A partir dos 13 anos, nossos jovens eram encorajados a doar duas semanas de suas férias para

o trabalho missionário. Após oito anos de missões bem-sucedidas da ROCMM, a igreja foi recompensada com mais de 90% de taxa de retenção entre jovens. Creio que isso se deve ao incentivo ao zelo e à vivência missionária.

Com a intenção de atrair mais jovens, alguns pastores seguem certas metodologias duvidosas para ser bem-sucedidos. Esse é o melhor caminho?

Certa vez ouvi de um dos meus mentores que temos muitos animadores e líderes que querem se autopromover em nossas igrejas. Eu não concordo com essa afirmação. No entanto, tenho que admitir que algumas pessoas envolvidas em ministérios voltados para jovens fazem programações para atraí-los, por exemplo, escolhendo certos estilos diferentes de adoração, introduzindo sofás e cadeiras confortáveis, iluminação, e programas sociais em suas igrejas. Podemos atrair alguns jovens por meio desses métodos; porém, o que os mantém na igreja não são assentos confortáveis nem oradores eloquentes, mas o ensino de que seguir Jesus não significa receber, e sim doar. O ministério para jovens não é, e não deve ser, orientado por eventos, mas por processos. Isso significa inserir os jovens em um processo no qual eles aprendam a não ter medo de dar tudo, inclusive a vida, por Jesus. Eles precisam saber que seguir a Cristo não é sempre uma experiência agradável. Às vezes, pode ser algo incômodo e desafiador. Temos que analisar seriamente nossa metodologia para ter certeza de que não queremos fazê-los se sentirem confortáveis, mas capacitá-los a brilhar em situações desafiadoras, semelhantes às aquelas vividas por Daniel e seus amigos. Isso não é entretenimento, mas a experiência de se tornar uma testemunha (*martyr*) de Cristo.

Qual é o limite entre a manutenção da identidade cristã e a adoção de novas

abordagens litúrgicas para alcançar os jovens?

Como eu disse, a verdadeira identidade cristã está relacionada com o exemplo de vida autossacrificial de Jesus. A ideia bíblica de adoração é muito maior e mais ampla do que pensamos. No Antigo Testamento, a palavra hebraica *avodah* é comumente usada e, muitas vezes traduzida, como “adoração”. Isso não se refere estritamente àquilo que comumente consideramos adoração como, por exemplo, cantar em um conjunto ou adotar determinado estilo de adoração.

O que mantém os jovens na igreja não são assentos confortáveis nem oradores eloquentes, mas o ensino de que seguir Jesus não significa receber, e sim doar.

O termo demonstra um forte senso de serviço. Em outras palavras, adoramos o que servimos e servimos o que adoramos. A adoração não é uma experiência na qual exclusivamente recebemos, mas uma experiência que nos dá oportunidade de servir a Deus e aos outros. Quando vemos a adoração sob esse ângulo, entendemos a questão de outra maneira.

Quais medidas o pastor local pode adotar para motivar os jovens a um compromisso pleno com Cristo?

Envolver os jovens na missão. Eles não precisam ir a outro país, mas podem ter uma experiência missionária em sua própria região, ou até mesmo dentro de sua comunidade. Ao incentivá-los na prática do serviço cristão, eles incorporarão o

estilo de vida missionário. O pastor também pode envolver os jovens na igreja local, capacitando-os a se tornarem diáconos e diaconisas juniores, e até mesmo permitindo-lhes assumir responsabilidades como líderes. Além disso, pode lançar um projeto missionário simples e sustentável, estabelecer parcerias com outras igrejas e fazer uma viagem missionária anual que não exija muitos recursos financeiros. Os jovens podem estabelecer parcerias com a prefeitura local e prestar serviços voluntários para a comunidade. Ao fazer isso, eles não só terão orgulho de sua identidade como missionários, mas também terão bom relacionamento com a comunidade na qual testemunharão posteriormente. A ideia é tirá-los da zona de conforto e torná-los proativos, permitindo-lhes viver de maneira altruísta.

De que forma o mentoreamento de jovens contribui para o fortalecimento e o engajamento deles em relação às questões espirituais? Como o pastor local pode desenvolver uma estratégia de mentoreamento eficaz?

O ministério para jovens é de presença. Na verdade, todos os ministérios são assim. Você não pode influenciar os outros se não estiver presente. Gosto de uma citação sobre o ministério de Jesus extraída de *Atos dos Apóstolos* (p. 10) que se relaciona com essa realidade: “Por três anos e meio, os discípulos estiveram sob a direção do maior Professor que o mundo já conheceu. Por associação e contato pessoal, Cristo os preparou para Seu serviço.” Se o pastor local estiver presente fisicamente, emocionalmente e espiritualmente, sendo um modelo positivo, estendendo graça aos jovens quando falham, expressando encorajamento quando experimentam o sucesso, e compartilhando com eles suas próprias experiências espirituais, ele criará uma estratégia de mentoreamento eficaz para sua juventude. **IM**



Gratidade do autor

As crianças e a missão

Há espaço para o envolvimento delas no serviço cristão



Quando Jesus nos deu a grande comissão em Mateus 28:19, 20, para levar o evangelho a todas as pessoas do mundo, acredito que Ele também estivesse incluindo as crianças. Ao evangelizarmos adultos, não devemos nos esquecer de que as crianças também necessitam do Senhor. De fato, milhões delas, especialmente na Janela 10/40, nunca ouviram o nome de Jesus. Nós queremos levá-las a Cristo e prepará-las para encontrá-lo quando Ele vier.

Wess Stafford, presidente emérito da *Compassion International*, defende que haja uma mudança de paradigma em nosso pensamento como igreja. Ele acredita que as crianças são muito importantes e amadas por Deus, para que sejam ignoradas ou deixadas sem oportunidades. Elas pertencem a todos nós; somos motivados a intervir em favor delas.¹ Devemos investir

em seu bem-estar espiritual. Consequentemente, necessitamos ser intencionais na inclusão das crianças em nossas atividades missionárias.

Missão às crianças

Por que devemos ministrar às crianças? Aqui estão algumas razões pelas quais necessitamos estar envolvidos nessa tarefa:

Jesus valoriza as crianças. Cristo reconheceu a importância de crianças e jovens. Em certa ocasião, Ele foi indagado pelos discípulos: “Quem é o maior no reino do Céu?”

Em resposta, “Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: ‘Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior

no reino dos céus. E quem receber uma criança, tal como essa, em meu nome, a mim me recebe. Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar” (Mt 18:1-6).

Temos nós verdadeiramente ouvido o ensino de Jesus a respeito do lugar das crianças no reino de Deus? As crianças servem como modelo de fé e discipulado, mostrando-nos como humildemente podemos nos arrepender e confiar no Deus da salvação. Quando as acolhemos, estamos aceitando-as e respeitando-as como Cristo fez. Notemos que Ele deixou muito claro que, se negligenciarmos as crianças, abusarmos delas ou as afastarmos da fé nele, enfrentaremos o julgamento severo do próprio Deus.



População infantil com idade de 5 a 14 anos por país (2010) ³	
OS DEZ PRIMEIROS	
Índia	248.253.120
China	180.084.594
Indonésia	42.716.276
Nigéria	42.716.276
Estados Unidos	41.819.347
Paquistão	38.118.459
Bangladesh	36.068.928
Brasil	35.263.734
Etiópia	23.990.943
México	20.855.453
Total (dos dez primeiros)	709.595.962
Total (outros)	508.921.404
Total global	1.218.517.366

Nas Escrituras, podemos ver exemplos de como o Senhor usou crianças para transformar o mundo de seu tempo. Lembra-se de Samuel que, embora sendo apenas um juvenil, foi usado por Deus para entregar uma mensagem difícil, mas necessária, ao sumo-sacerdote Eli (1Sm 3)? Josias foi um menino-rei a quem Deus usou para reformar o estado religioso de Judá e levar o povo de volta ao Senhor (2Rs 22). Deus usou crianças e jovens como instrumentos especiais em um tempo especial. Eles são valiosos na obra do Senhor. Podemos nós fazer menos do que isso?

Muitas crianças vivem na janela 10/40. O estudo de Luís Bush sobre o alcance e evangelização de crianças na Janela 10/40 revela retratos fascinantes desse grupo, com idade entre 4 e 14 anos. No topo da tabela está a Índia. Com 20% menos habitantes que a China, o país tem 30% a mais de crianças e jovens. Nigéria e Indonésia, com metade da população dos Estados Unidos, atualmente têm mais crianças e adolescentes em números absolutos. Nos Estados Unidos, 25% das quase 42 milhões de crianças em idade escolar

são hispanas – embora os hispanos representem apenas 15% da população geral. Conforme o mapa indica, em países da África e do Oriente Médio, como Afeganistão, Paquistão e outros, 40% a 50% da população tem menos de 15 anos.²

A Janela 10/40 é o lar de 65% da população do mundo e tem o maior número de pessoas não alcançadas (86%). Elas nunca ouviram falar de Jesus, não têm a Bíblia e têm poucos amigos e vizinhos cristãos. A maioria dos budistas, hindus, taoístas e muçulmanos de todo o mundo vive na Janela 10/40. Nessa área há muitas crianças que necessitam conhecer o Salvador e ser preparadas para a vinda dele.⁴

As crianças são mais receptivas. Os principais teóricos do desenvolvimento infantil, tais como Erik Erikson, Jean Piaget e Lawrence Kohlberg, afirmam que há períodos críticos ou períodos suscetíveis durante os primeiros anos da infância, quando valores, moralidade, pensamento cognitivo, cosmovisões e perspectivas de vida são modelados positiva ou negativamente.⁵

Wess Stafford reflete a mesma crença, de que o espírito de uma criancinha é muito parecido com cimento molhado. Quando ela é jovem, não é preciso muito esforço para causar uma impressão que dure toda a vida.⁶

Na *Nutbrown Review*, periódico britânico voltado para a educação infantil, Cath Nutbrown afirma que o amor da família é fundamental para o crescimento e desenvolvimento saudável da criança. “Os pais influenciam os valores, comportamento e ambições da criança, e lançam os fundamentos de quem ela será e no que pode se tornar.”⁷

Ellen G. White mantinha visão semelhante quando escreveu: “Nunca será demais acentuar a importância da educação

ministrada à criança em seus primeiros anos. As lições que a criança aprende durante os primeiros sete anos de vida têm mais que ver com a formação do seu caráter que tudo que ela aprender em anos posteriores.”⁸

Em outra ocasião, ela afirmou que “é ainda verdade que as crianças são as pessoas mais suscetíveis aos ensinamentos do evangelho; seu coração se acha aberto às influências divinas, e forte para reter as lições recebidas.”⁹

Uma pesquisa feita por George Barna indica que 32% das pessoas que aceitam Jesus como Salvador são crianças entre 4 e 14 anos. Ele adverte no sentido de que, se as pessoas não aceitam Cristo antes dos 13 anos, são menores as chances de fazer isso em uma época posterior.¹⁰

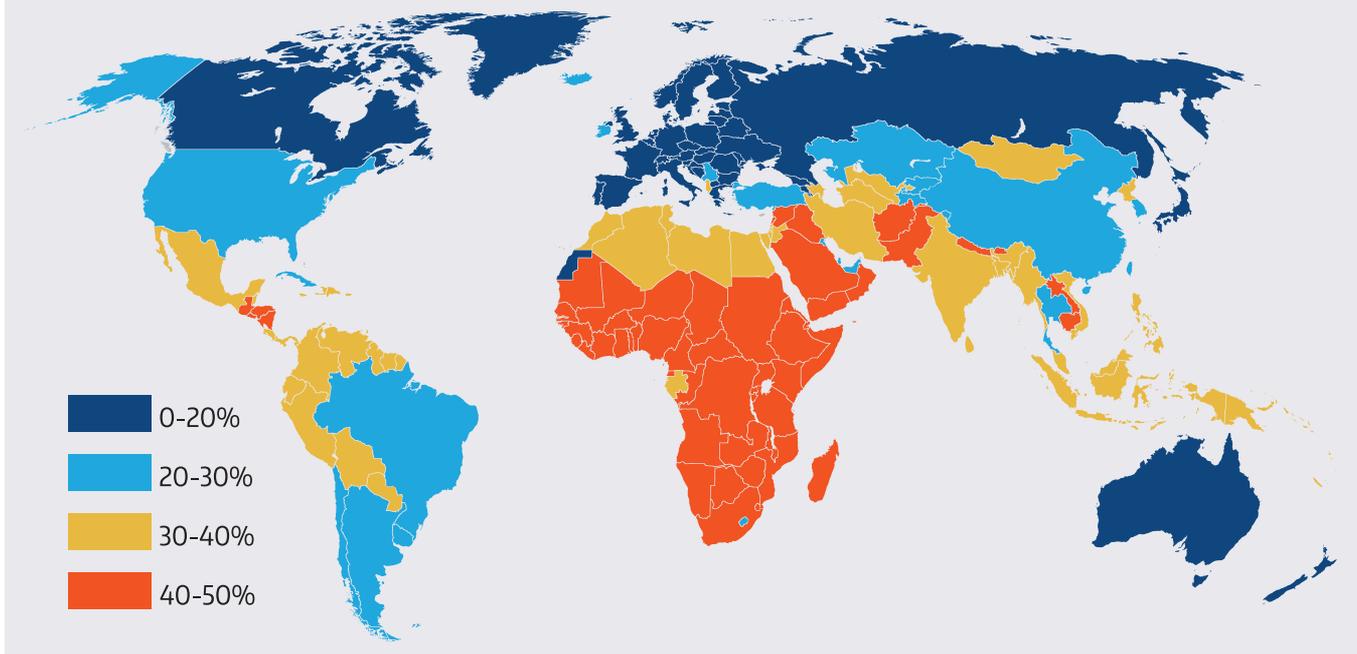
As crianças podem ser missionárias. Do ponto de vista da missão, nosso interesse no grupo dos 4 aos 14 anos não é apenas porque sejam crianças *receptivas*, mas também porque elas podem ser agentes *efetivos* para levar avante a comissão evangélica. Quando você fala a uma criança, ela diz ao mundo. Elas são nossos melhores evangelistas!

Clifferson Araújo dos Santos, residente em Manaus, AM, dirige um pequeno grupo para cerca de 28 crianças em sua vizinhança, muitas das quais são pobres ou têm os pais na prisão. Ele lhes mostra um vídeo com histórias bíblicas e as leva a estudar a narrativa sagrada. Cada criança recebe uma Bíblia, e elas, com muito entusiasmo, sublinham os versos bíblicos enquanto discutem as lições. Com apenas 11 anos, Clifferson é um verdadeiro missionário na obra de pregar o evangelho.

Ellen G. White nos lembra que “exércitos inteiros de crianças podem se pôr sob a bandeira de Cristo como missionários, mesmo nos dias de sua infância. Nunca recusem o desejo das crianças de fazer alguma coisa por Jesus. Não lhes extingam o ardor para trabalhar de alguma forma pelo Mestre.”¹¹

Necessitamos alcançar crianças nas cidades. Embora tenhamos visto que

População mundial com menos de 15 anos



muitas crianças com menos de 15 anos vivem na Janela 10/40, mesmo dentro dessa área, muitas estão em grandes centros. As cidades do mundo apresentam à Igreja Adventista do Sétimo Dia um desafio formidável para o evangelismo, enquanto muitas pessoas mudam das comunidades rurais para os grandes municípios, onde há trabalho disponível.

Estatísticas da revista *Christianity Today* nos informam que, em 2008, pela primeira vez a população mundial foi igualmente dividida entre áreas urbanas e rurais. Menos de 30% dos 2,5 bilhões de pessoas do planeta em 1950 viviam em cidades. Por volta de 2050, quase 70% dos previstos 10 bilhões de habitantes do mundo seguirão esse caminho, de acordo com as Nações Unidas.¹² Na verdade, Ellen G. White defendeu enfaticamente esse trabalho: “Não há mudança nas mensagens que Deus enviou no passado. O trabalho nas cidades é a obra essencial para este tempo. Quando as cidades forem trabalhadas como Deus deseja, o resultado será pôr-se em operação um poderoso movimento como nunca foi testemunhado.”¹³

A igreja necessita ser intencional e séria ao planejar sua missão às crianças, na igreja e na comunidade. Planos estratégicos para evangelizá-las devem ser incluídos em seus projetos de evangelismo – Escola Cristã de Férias, exposições de saúde, campanhas evangelísticas, acampamentos bíblicos, entre outros – projetos que alcancem crianças da comunidade com o evangelho do amor.

Crianças em missão

Quando as crianças aceitam Jesus como seu Amigo especial, elas são inspiradas a compartilhá-lo com os amigos. Por isso, necessitamos envolvê-las na missão dentro e fora do ambiente delas. Podemos começar treinando-as para ser testemunhas de Cristo e para servir generosamente a outros.

Ellen G. White aconselhou: “Por preceito e exemplo os pais devem ensinar seus filhos a trabalhar pelos inconversos. As crianças devem ser tão educadas que simpatizem com os idosos e aflitos e procurem aliviar os sofrimentos dos pobres e angustiados. Devem ser ensinadas a ser diligentes no trabalho missionário; e já nos seus mais tenros anos devem aprender a

abnegação e sacrifício pelo bem de outros e o progresso na causa de Cristo, para que possam ser colaboradores de Deus.”¹⁴

Em seguida, apresentamos alguns benefícios do envolvimento das crianças na missão:

A vida das crianças é transformada.

Crianças e adolescentes que têm participado na missão ou em serviços comunitários têm respostas positivas. Elas voltam para casa entusiasmadas e inspiradas a renovar o compromisso de fazer o melhor para os menos afortunados e para Deus.

Chris, estudante da sétima série em uma escola em Spencerville, Maryland, participou de um projeto na América Central para ajudar a construir uma igreja e realizar programas infantis. Depois, ele testemunhou: “As viagens missionárias têm mudado minha perspectiva de vida. Elas me ajudam a pensar mais nos outros e menos em mim. Missão é para mim.”

Crianças desenvolvem compaixão. As crianças precisam ter oportunidade para responder às necessidades do mundo. Envolvê-las na ajuda em um asilo, estimulá-las a orar pelos doentes e distribuir dinheiro e brinquedos às vítimas de inundações são

atitudes que ajudam a desenvolver a compaixão delas pelos menos favorecidos. Dar e servir ajudam as crianças a crescer no cuidado para com os adultos.

Depois de se mudarem para os Estados Unidos, os irmãos Owino, Brian, Calvin e David, foram informados de que alguém na vizinhança havia morrido de aids. Assim, eles lançaram o projeto *BCD Can*, um plano para arrecadar fundos a fim de ajudar crianças com aids, em Malela, Quênia. Todos os dias, eles coletavam latas de refrigerantes depois das aulas. Em seguida, vendiam-nas e enviavam o dinheiro para órfãos vítimas de aids na África. Em quatro anos, conseguiram arrecadar 33 mil dólares e ajudaram mais de 400 crianças.

As crianças aprendem a compartilhar Jesus. Quando elas são treinadas e inspiradas a compartilhar o evangelho com seus amigos e colegas de escola, experimentam alegria em ver outros aceitando Jesus. Quando tinha 8 anos, o brasileiro Mateus Soares começou a compartilhar Cristo. Ele visitava os vizinhos para orar com eles. Então, convidava-os para estudar a Bíblia. Depois de algum tempo, ele conduziu 25 pessoas ao batismo.

Diz Ellen G. White: “Nos seus tenros anos as crianças devem ser úteis na obra de Deus [...] [Ele] deseja que sejam seus pequenos missionários, negando suas próprias inclinações e desejos de prazeres egoístas para prestar serviço para Ele; e esse serviço é tão aceitável a Deus quanto o dos de mais idade.”¹⁵

Crianças aprendem generosidade. Pais cujas crianças têm sido envolvidas em planos ou viagens missionárias testemunham que seus filhos se tornam mais sensíveis às necessidades dos menos favorecidos, e passam a ser mais generosos em doar seu próprio dinheiro para ajudá-los. Realmente, as crianças têm sido mais entusiasmadas e dedicadas em levantar fundos

para projetos missionários do que muitos adultos.

Quando levamos nossos dois filhos para ajudar a distribuir cestas de alimento a famílias pobres e auxiliar menores abandonados, notamos que, quando voltaram para casa, eles pegaram mais alguns livros, roupas e brinquedos para doar às crianças pobres.

Crianças aprendem a confiar em Deus. Depois de participar em projetos missionários, as crianças aprendem a confiar no Senhor crendo que Ele pode

É imperativo que nós vejamos crianças e jovens como uma força estratégica fundamental, que pode ajudar a concluir a tarefa que o Senhor nos confiou.

ajudá-las em qualquer situação. Em certa ocasião, um grupo de pré-adolescentes estava ajudando a construir uma igreja na Guatemala. Quando a chuva ameaçou destruir o telhado, eles oraram fervorosamente para que Deus contivesse a tempestade até que o trabalho acabasse. O Senhor respondeu àquelas orações, e esse episódio fortaleceu a fé e a confiança daquelas crianças em Deus.

Sim, é imperativo que nós vejamos crianças e jovens como uma força estratégica fundamental, que pode ajudar a concluir a tarefa que o Senhor nos confiou. “Nas cenas finais da história deste mundo, muitas das crianças e jovens encherão de admiração o povo pelo seu testemunho

em favor da verdade, o qual será dado de modo simples; no entanto, com espírito e poder. Foi-lhes ensinado o temor do Senhor, e o coração se lhes abrandou por um estudo da Bíblia cuidadoso e acompanhado de oração. No futuro próximo, muitas crianças serão revestidas do Espírito Santo, e farão na proclamação da verdade ao mundo uma obra que, naquela ocasião, não pode bem ser feita pelos membros mais idosos das igrejas.”¹⁶

Necessitamos lançar as sementes do interesse missionário em nossas crianças, desde cedo, se esperamos colher missionários e fortes apoiadores da missão nos anos seguintes. O tempo é curto. Jesus está vindo. Envolvamos nossas crianças agora! **M**

Referências

¹ Wess Stafford, *Too Small to Ignore: Why the Least of These Matters Most* (Colorado Springs, CO: Waterbook Press, 2007).

² Luis Bush, “Raising up a New Generation From the 4/14 Window to Transform the World”, Movimento Janela 4/14, www.4to14window.com.

³ *Ibid.*, População da Indonésia e Nigéria [sic]

⁴ *Ibid.*

⁵ Angela Oswald, “Sensitive Periods in Child Development”, MentalHelp.net, atualizado em 17/01/2008.

⁶ Wess Stafford, *Op. Cit.*, p. 248, 249.

⁷ Cathy Nutbrown, *Foundations for Quality: The Independent Review of Early Education and Childcare Qualifications, Final Report*, junho de 2012; www.gov.uk

⁸ Ellen G. White, *Orientação da Criança*, p. 193.

⁹ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 515.

¹⁰ George Barna, *Transforming Children into Special Champions* (Ventura, CA: Regal Books, 2003).

¹¹ Ellen G. White, *Para Conheçê-Lo* [MM 1965], p. 42.

¹² Sara Eekhoff Zylstra, “Urban Urgency: Missionaries Follow Migration to City Centers”, *Christianity Today*, 16/08/2010; www.christianitytoday.com.

¹³ Ellen G. White, *Medicina e Salvação*, p. 304.

¹⁴ _____, *O Lar Adventista*, p. 487.

¹⁵ *Ibid.*, p. 486, 487.

¹⁶ Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 166.



Daniel Oliveira

O púlpito das novas gerações

Como pregar para alcançar o coração dos jovens



Eles são inquietos e curiosos. Com dedos viciados em superfícies *touchscreen*, têm os olhos adaptados às multitelas. Não suportam esperar, muito menos parar. São nativos digitais, conectados desde o berço. Tendo acesso ao conhecimento universal em um *smartphone* como extensão do próprio corpo, desfilam cabisbaixos mergulhados no mundo virtual. Teclam alucinadamente, compartilham tudo, viralizam absurdos, colapsam se expostos ao *bullying* na “nuvem” e, como Esaú, vendem até a primogenitura por um prato de senha *wi-fi*.

Quem são eles? Os *millennials*. Nascidos na era pós-web, eles são dependentes da internet (em qualquer dispositivo) como nós dependemos da luz elétrica – onipresente e indispensável – em nosso cotidiano. Pensam rápido, distraem-se instantaneamente e, com apetite voraz, devoram informação à velocidade de *terabytes* por segundo. O grande desafio para

eles? Sentar-se em um banco de igreja e prestar atenção ao sermão por meia hora. Para eles, impensável! Para nós, uma tarefa de “ressurreição do interesse” semelhante à ressurreição dos ossos secos de Ezequiel 37.

O interessante é que Joel 2:28 afirma que, no tempo do fim, *os jovens* teriam visões; ou seja, o Céu espera muito deles aqui na Terra. E quanto a nós? Em meio a essa revolução digital, estamos na mesma conexão que eles ou tentamos convencê-los de que as fitas-cassetes são mais interessantes do que o MP3? Ainda insistimos que o projetor de slides é melhor do que o YouTube? Enfim, como pregar para alcançar o coração das novas gerações?

#Diretoao ponto

Seja bíblico. Nada, nem ninguém, substituirá o poder da Palavra de Deus. O *Sola Scriptura* não pode, jamais, deixar de ser o alicerce da pregação. A mensagem

bíblica não é o problema. Ao contrário, em tempos de efemeridade, em que o inédito fica obsoleto em segundos, a verdade divina desponta feito rochedo imbatível nas areias movediças da tecnologia descartável. Não subestime a soberania de um produto só por causa da embalagem desatualizada. A juventude continua sendo solo fértil para o aprendizado bíblico que revoluciona o mundo. Contudo, assim como “o semeador saiu para semear” (Mt 13:3), cabe a nós sair da zona de conforto tradicional e lançar as sementes da maneira certa. Os frutos certamente virão.

Interaja com eles. Os últimos bancos da galeria são a maior ameaça de um orador. Ainda me lembro quando eu ficava lá! Podemos deletá-los? Não dá! Eles se regeneram desafiando cruelmente, mesmo que inocentemente, nossa altivez retórica. Portanto, em vez de interpretá-los como oponentes dentro do octógono de um UFC da autoridade, que tal vê-los como aliados do bem que se comunicam de maneira diferente? A pregação é uma conversa sincera entre o pregador e o público. A interação constante faz parte da cultura das novas gerações. Se eles querem opinar, sugerir e dizer o que pensam, por que não provocá-los? Elabore perguntas intrigantes e desafiadoras, capazes de acender a centelha da curiosidade.

Atualize-se. É impossível conquistar as novas gerações com o arsenal de referências das velhas gerações. O *Orkut* não

existe mais, o CD já se dissolveu na “nuvem”, os filmes perderam espaço para os seriados, a TV de ontem é o *streaming* de hoje (YouTube, Netflix, GloboPlay, Lives-tream, etc.), enfim, uma boa informação atualizada é isca certa para cativar o interesse dos “habitantes da galeria”. Fazendo uma aplicação homilética, Romanos 12:2 deve ser a regra-áurea para os pregadores modernos; afinal, não nos conformar com este século, mas nos transformar pela renovação da mente é também um chamado urgente à inovação e atualização dos métodos de apresentação da relevância do reino de Deus perante a ciberjuventude.

Pesque-os nas redes sociais. Você sabe onde está a maior audiência das grandes emissoras de TV em nossos dias? No *Twitter* e no *Facebook*. Verdadeiras fortunas são investidas no monitoramento das mídias sociais, porque a juventude gosta de comentar, questionar, avaliar e, até mesmo, interferir no que está sendo transmitido. A comunicação é uma via de mão dupla e, para os *millennials*, isso virou questão de sobrevivência. Eles ouvem se são ouvidos. Por que não desafia-los a usar suas redes sociais como instrumentos do bem? Atualmente, um adolescente checa sua “vida social digital” em média 150 vezes (ou mais) durante um único dia! Então, que tal abrir um canal de conversa após o culto através do *WhatsApp*, *e-mail* e até do pré-histórico *SMS*? Ou provocar a viralização de imagens positivas sobre o assunto apresentado no *Instagram* e *Snapchat*? Lembre-se de que se eles publicam quem são na web, poderíamos incentivá-los a publicar quem deveriam ser.

Seja autêntico e pessoal. Foi-se o tempo em que os jovens absorviam gratuitamente o que lhes era apresentado. Atualmente eles conferem no Google o que é dito e desconfiam severamente dos discursos enlatados de autopromoção

humana. Quando descemos do púlpito, ganhamos seu respeito. Não mascare, não se exalte com exemplos impossíveis. Mostre que as lutas deles um dia já foram suas (ou ainda são), e olhe nos olhos da juventude com lágrimas de sinceridade mais do que atrás das lentes da infalibilidade. Quando sentirem que o pregador é de carne e osso e está baixando sua própria guarda, oferecerão sutilmente seu maior tesouro: a atenção.

Storytelling. Essa é a palavra moderna mais usada atualmente no universo da comunicação, isto é, “conte histórias”. Nada novo! Desde tempos remotos as crianças amam ouvir boas histórias antes de dormir, e ainda hoje somos deliciosamente embalados por elas. Quem não gosta de uma narrativa bem contada? Os jovens muito mais. Obviamente, assim como a casa não pode ter mais janelas do que paredes, o bom sermão não se sustenta só com histórias, mas isso não impede que elas cativem a atenção em momentos estratégicos da preleção. Você sabe quem foi o mais importante contador de histórias do universo, não é? Jesus estabeleceu o reino de Deus mais com ações do que com palavras. Entretanto, quando usou as palavras, sempre as coloriu com histórias, parábolas e casos do cotidiano. Por que deveríamos ignorar tamanho potencial influenciador?

Invista nos sentidos. Não é tão simples utilizar o olfato e o paladar durante um sermão, eu sei. Entretanto, a visão, o toque e a audição podem ser explorados para cativar o público jovem. Elementos visuais atraentes, projeções de imagens de reforço, aplicações lúdicas, contextualização prática e real, além de outros dispositivos de envolvimento, podem auxiliar no processo para chamar a atenção. Tudo isso sem abrir mão da reverência e do cuidado com os extremos. Afinal, os jovens sabem que a igreja é um ambiente diferente

dos que eles frequentam na maior parte do tempo.

Provoque o engajamento. As ações sociais nunca estiveram tão na moda como temos visto atualmente. Joshua Wong, de apenas 17 anos, parou a China por 77 dias ao levar 200 mil jovens às ruas de Hong Kong por um ideal democrático. Sua “funda e cinco pedras”? Um *smartphone* envolvendo toda uma geração de inconformados. Percebe? Vivemos em tempos colaborativos, nos quais tudo o que é compartilhado mobiliza multidões. De taxistas descontentes a painéis nacionais, as manifestações públicas se agigantaram no anonimato pulverizador da internet. Todos podem ser o *start* de uma revolução. Por que não provocar as novas gerações da igreja a se engajarem em algo bom, consistente e verdadeiro? “Deus espera muito da juventude que vive nesta geração de luz”.¹ Se a criatividade pulsante deles for canalizada para o bem com suas próprias ferramentas – acredite – os resultados serão extraordinários. Desafie-os e surpreenda-se!

Finalmente, e como sempre foi através dos séculos, os jovens servem de alerta constante à nossa propensão natural de querer falar do jeito que gostamos de ouvir. No entanto, o grande desafio é pregar de maneira que eles ouçam. Essa é a grande carência no hiato entre púlpitos e galerias: *apresentar a verdade que não muda mudando a forma de apresentar a verdade*. Por isso, na missão temos que ser a vanguarda; nos princípios, a retaguarda; e, na dúvida, abraçarmos o bom-senso. Se pedirmos a Deus sabedoria e idoneidade para alcançar as novas gerações, não tenho dúvida de que ainda veremos realizado o maior dos sonhos: Jesus voltando em *nossa* geração. **M**

Referência

¹ Ellen White, *Mensagem aos Jovens*, p. 199



Cortesia do autor

O desafio da mobilização

Como envolver os jovens na dinâmica da igreja

Cercado por tantas mudanças decorrentes da velocidade da informação, e vivendo nesta época de constante transformação, em que muitas vezes se torna difícil entender comportamentos ou atitudes que emergem procurando impor significado, está cada vez mais complicada a tarefa de pastorear.

Fomos treinados para ministrar em um mundo que quase desapareceu, que mudou, está mudando e continuará a mudar para além do pensamento ou das expectativas. Ficamos surpresos em possuir uma formação acadêmica que se confronta cada vez mais com uma clara e demarcada linha fronteira, que separa drasticamente a linearidade previsível do ontem com o presente desafiador de um mundo em constante formação. Nele, os padrões de identidade herdados da cultura eclesial passada não mais são valorizados pela geração seguinte, e os princípios bíblicos estão cada vez mais vulneráveis a ser banidos pelas emergentes ondas socioculturais do presente.

Diante desse quadro, ainda que nos sintamos incapazes ou inexperientes por termos uma formação adequada a outros contextos, não somos impedidos de distinguir as contrastantes diferenças culturais que exigem a cada dia novas formas de ação.

Para responder aos desafios da sociedade com a qual interagimos, temos

conosco as motivações para fazer e o treinamento teórico de nossa formação ministerial. Entretanto, muitas vezes, o que fazemos intuitivamente não é acompanhado por um fundamento bíblico, mas feito a partir de uma formação pragmática.

Agindo dessa forma, na tentativa de alcançar bons resultados, corremos o risco de realizar um trabalho infrutífero que gire sempre ao redor da mesmice, desperdiçando não só o tempo e os recursos, mas também não suprimindo as necessidades das pessoas. Assim, estamos sujeitos a ser influenciados pelas práticas de muitas igrejas e congregações cristãs que, desejando interagir significativamente com a sociedade, aplicam estratégias populares em vez de fazê-lo do ponto de vista da teologia da missão.

Com a finalidade de motivar os membros e ser relevantes na comunidade, algumas igrejas têm desenvolvido diferentes estratégias de mobilização. Por exemplo, uma delas está relacionada aos cultos sensíveis ao adorador. Uma programação extremamente cativante, com músicas contemporâneas, encenações criativas, tempo especial para confraternização e múltiplas alternativas, como se fosse um *menu à la carte*, fazendo da religião um consumo prazeroso e acessível a todos.¹

São muitas as propostas que saem das estruturas eclesiais com o objetivo de

alcançar as grandes massas. Sem dúvida, não se pode adotar uma estratégia evangelística simplesmente fazendo uso de diferentes alternativas e comparando seus resultados. O pragmatismo ideológico não pode ser o fator motivador a reger nossas igrejas. Não podemos pensar no evangelismo como um produto desenvolvido para o comércio, preparado para satisfação e consumo do cliente.²

Embora não possamos monopolizar as ações frente a este mundo cada vez mais cheio de conceitos pluralistas, e mesmo que constantemente devamos nos abrir às múltiplas possibilidades para não cair na estagnação, jamais devemos perder a centralidade de nossa missão. Em outras palavras, não devemos ter uma estrutura eclesial operacional homogênea, com as mesmas propostas segmentadas do passado; mas algo mais flexível, no qual possamos discernir e promover planos contemporâneos e de relevância espiritual.

Toda estrutura eclesial deveria ser elaborada com uma finalidade missionária transformadora, em que as múltiplas ações realizadas visam um propósito evangelístico. Desse modo, não diluiria nem perderia a centralidade do conteúdo salvífico da mensagem, porque sem ele não haveria efetividade. Além disso, é necessário considerar que a ação permaneceria incompleta e limitada sem a pluralidade das constantes

e novas dinâmicas emergentes que dão lugar à heterogeneidade.

O princípio organizador

Reconhecendo a importância dos conceitos expostos, e conscientes de que atualmente a abordagem da mente pós-moderna não se dá do centro para a periferia, mas na direção inversa, somos de certa forma forçados a desenvolver nosso ministério dentro do princípio dos pequenos grupos. Dessa maneira, nossos esforços eclesiais estarão contextualizados no mundo presente, repleto de compromissos e experiências passageiras, encontros fugazes e relações transitórias. Uma sociedade na qual o contínuo, linear e permanente não é bem recebido.

“Em nossas igrejas, formem-se grupos para o trabalho. [...] A formação de pequenos grupos, como uma base de esforço cristão, é um plano que tem sido apresentado diante de mim por Aquele que não pode errar. Se houver grande número na igreja, os membros devem ser divididos em pequenos grupos, a fim de trabalharem não somente pelos outros membros, mas também pelos descrentes.”³

A Bíblia apresenta esse princípio revelado como base organizadora da ação. Nos pequenos e grandes movimentos da história bíblica, ele aparece de diversas formas para promover uma obra específica. Um dos textos do Antigo Testamento que registra esse critério organizador se encontra em Êxodo 18:13-27. O conselho

divino pronunciado por intermédio de Jetro, de organizar o povo de Israel em pequenos grupos “de milhares, centenas, cinquenta e dez”, foi dirigido à comunidade de Israel que contava com mais de 600 mil homens de “vinte anos para cima” (Êx 38:26). No Novo Testamento também encontramos esse princípio na organização da igreja apostólica, quando um pequeno grupo de diáconos foi formado para servir às mesas e atender as necessidades das viúvas (At 6:1-7).

O princípio de pequenos grupos como base de ação está presente em toda a estrutura denominacional, difundido nas dezenas de departamentos e nos milhares de esforços realizados para trabalhar não somente com os membros da igreja, mas também com os não cristãos. Esse princípio que deve reger toda ação não restringe, limita nem monopoliza a atuação da igreja. Na diversidade dos dons, na diversidade dos serviços, e na diversidade das realizações é concedida a manifestação do Espírito para o que é útil (1Co 12:4-7).

Não impor centralidade e homogeneidade, mas dar lugar para que a força da ação esteja descentralizada e permita a heterogeneidade, faz com que a estrutura tradicional e necessária da igreja seja acompanhada do refrigério das novas manifestações do Espírito “visando a um fim proveitoso” (v. 7). Manter esse princípio para canalizar todo esforço é a chave do êxito dos grupos de ação.

Tradicionalmente, muitos deles adotam o modelo linear, e são necessários para o funcionamento da estrutura organizadora da igreja. Outros, se enquadram no modelo de ação fragmentada, não contínua, que permite realizar trabalhos de curto prazo, específicos, com propósitos e resultados imediatos, muito bem aceitos pela cultura “*very fast*” dos jovens.

Ambas as ações combinam a participação e a mobilização voluntária. Elas permitem não somente direcionar as funções básicas e importantes de qualquer empreendimento para o funcionamento vital da igreja, mas também abrem novos espaços, dando lugar à criatividade e valorizando as iniciativas. Assim, essas iniciativas não somente apresentarão a teoria da mensagem, mas também serão sensíveis a todos os aspectos integrais do ser humano.

Sem cair em uma modalidade que monopolize ou busque normatizar os esforços ou iniciativas de integração com a comunidade interna ou externa da igreja, devemos procurar, com a ajuda de Deus, experimentar múltiplas alternativas de pequenos grupos que direcionem a diversidade de dons, ministérios e operações para proveito da igreja. **M**

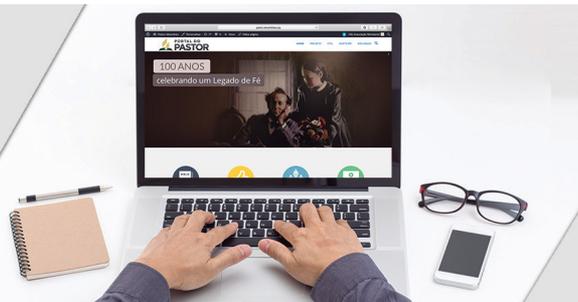
Referências

¹ Eddie Gibbs, *La Iglesia del Futuro* (Buenos Aires: Editorial Peniel, 2005), p. 34-35.

² *Ibid.*, p. 51

³ Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 115

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



<http://pastor.adventistas.org>



Oportunidades

É tempo de ver além das circunstâncias

Crise é a palavra do momento em vários países da América do Sul, e ela pode ser sentida nas mais diferentes áreas, como por exemplo, na política, economia e moralidade. Governantes e líderes tentam, mas não conseguem encontrar saída para situações que parecem maiores do que eles. Em momentos assim, Deus multiplica as oportunidades e surpreende Seu povo. Afinal, tempos difíceis nos ajudam a purificar a vida espiritual, fortalecer a fé e aumentar nossa dependência dele. O Senhor utiliza essas oportunidades para tirar a distração do meio de Seu povo e trazê-lo de volta ao foco da consagração e missão. As crises também fortalecem a igreja.

Precisamos estar prontos para aproveitar cada uma dessas oportunidades sem ser dominados pelo medo ou pela insegurança. Nosso chamado é para avançar com responsabilidade e ousadia, pois só assim vamos refletir a visão de Deus para esses momentos.

A responsabilidade nos leva a reavaliar nossa maneira de gastar nossos recursos e realizar nossas atividades. Toda aresta precisa ser aparada para que avancemos com o foco na missão. Por sua vez, a ousadia nos dá a oportunidade de realizar os sonhos de Deus e estar prontos para entrar pelas portas que Ele abriu. O Senhor não é guiado por crises, mas movido por milagres.

Meus olhos brilharam quando li uma pesquisa de opinião realizada no Brasil entre os dias 12 e 16 de julho de 2015. Ela envolveu 2.002 pessoas, em 25 estados, 137 cidades, abrangendo as cinco regiões do país. O material, encomendado pela Confederação Nacional dos Transportes, apresentou resultados interessantes. O objetivo era conhecer melhor a visão do brasileiro sobre diversos temas que agitam o país, mas uma das questões me chamou a atenção de maneira especial.

Perguntados sobre a instituição na qual os entrevistados mais confiam, as respostas foram as seguintes:

Igreja	53,5%
Forças Armadas	15,5%
Justiça	10,1%
Polícia	5,0%
Imprensa	4,8%
Governo	1,1%
Congresso Nacional	0,8%
Partidos Políticos	0,1%
Não sabe ou não respondeu	9,1%

Fonte: (<http://t.co/5UCpBXSota>)

Observe que, enquanto tudo está desmoronando e as pessoas não têm em que confiar, elas assumem de forma destacada

que sua maior esperança está na religião, ou nas igrejas. A crise está potencializando essa oportunidade e abrindo portas para que possamos chegar aos corações carentes e sinceros. O que estamos fazendo para que isso aconteça? Estamos aproveitando esse momento com urgência, conscientes de que não teremos muito tempo? Ou continuamos em nossa rotina, gastando tempo com coisas irrelevantes e deixando-o passar? Grandes e rápidas oportunidades precisam ser aproveitadas com foco claro e ação integrada.

Quando fortalecemos o foco, as forças se concentram no que é essencial, importante e relevante. Se não agirmos dessa maneira, mas deixarmos as coisas acontecerem de forma natural, no “piloto automático”, as energias serão consumidas com o que é secundário, vazio e irrelevante. A pressão do excesso de atividades, do secularismo e da mídia em todas as suas formas traz um enorme risco de distração. Não podemos nos deixar distrair e perder a oportunidade preciosa que Deus está colocando diante de nós. Nosso foco deve estar no discipulado. Ele é a essência e a base de tudo.

É preciso envolver cada membro na comunhão, no relacionamento e na missão. Nosso tempo principal, planejamento de nossas atividades, uso de nossos recursos, foco de nossos talentos, tudo

deve levar cada um de nós a buscar Deus na primeira hora do dia, a fazer parte de um pequeno grupo e a usar nossos dons para levar pelo menos uma pessoa a Jesus. Priorizando essa visão teremos uma igreja mais saudável, um exército mais envolvido, pessoas mais integradas, discípulos mais maduros e oportunidades mais bem aproveitadas.

Para potencializar o alcance e os resultados dessa visão, agora buscamos *mais*. Diante das grandes oportunidades, precisamos sonhar além do que pudemos realizar até aqui, levando a igreja a ter **mais comunhão, mais relacionamento e mais missão**. Não é tempo de se acomodar nem retroceder. É hora de avançar para não deixar passar as oportunidades que os últimos dias estão colocando diante de nós.

Quando é claro o objetivo a ser alcançado, as atividades precisam ser alinhadas e integradas para então ser potencializadas. Essa é a razão pela qual a cada ano temos um projeto unificado que nos move como um exército para realizar ações mais relevantes. É fundamental atuarmos juntos para consolidar o foco e fortalecer a

unidade. Se não agirmos de maneira integrada seremos uma igreja de muitos pequenos movimentos, mas desconhecida, irrelevante, ineficaz e incapaz de cumprir a missão e aproveitar as oportunidades. Entretanto, se atuarmos unidos, seremos relevantes na igreja e, especialmente, na comunidade, onde estão os corações que clamam por socorro e esperança.

Em 2016 vamos compartilhar essa *Esperança Viva*, que o inimigo não conseguiu abalar desde o surgimento do movimento adventista. Essa esperança não é apenas uma teoria, mas tem efeito real na vida daquele que a aceita. Vamos atuar juntos com paixão, dedicação e foco no discipulado.

Em busca de **mais comunhão**, vamos incentivar nossos irmãos a ter sua lição da Escola Sabatina e também motivar a igreja para o programa “*10 Dias de Oração e 10 Horas de Jejum*”, que ocorrerá nos dias 18 a 27 de fevereiro.

Vamos trabalhar para aumentar a participação da igreja nos pequenos grupos a fim de desfrutarmos **mais relacionamento**, aumentando a integração com as unidades de ação da Escola Sabatina. No dia 6

de agosto, vamos celebrar o crescimento e a multiplicação dos pequenos grupos.

Teremos **mais missão** se cada membro da igreja, pela graça de Cristo e pelo poder do Espírito, se dispuser a preparar uma pessoa para o batismo por meio dos seus dons espirituais. Como igreja, queremos atuar integrados em quatro grandes movimentos em 2016: *Semana Santa*, de 19 a 27 de março; *Impacto Esperança*, nos dias 14 e 15 de maio; *Batismo da Primavera*, de 17 a 24 de setembro; e *Evangelismo Público de Colheita*, de 19 a 26 de novembro.

Conto com você para avançarmos juntos com paixão e foco na missão. Afinal, “será que um marinheiro ficaria parado se ouvisse o clamor de um naufrago? Será que um médico permaneceria sentado confortavelmente deixando seus pacientes morrerem? Será que um bombeiro, ao saber que alguém está perecendo em meio às chamas, ficaria parado e não prestaria socorro? E você conseguiria ficar tranquilo vendo o desespero do mundo ao seu redor?” (Leonard Ravenhill).

Não desperdicemos as oportunidades que Deus nos dá! **M**

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

Decisão e Prontidão



A causa de Deus requer homens de visão rápida, capazes de agir pronta e energicamente no momento oportuno. Se esperais para medir cada dificuldade e pesar cada perplexidade que encontrardes, bem pouco haveis de realizar. Encontrareis dificuldades e obstáculos a cada passo, e deveis, com propósito firme, decidir vencê-los, ou do contrário sereis por eles vencidos.

Vezeis há em que vários meios e fins, métodos diversos de operação quanto à obra de Deus equivalem-se mais ou menos em nosso espírito; é exatamente então que se faz mister o melhor critério. E se alguma coisa se faz para esse fim, deve ser feita no momento oportuno.

A mais leve inclinação do peso na balança deve ser notada, decidindo imediatamente a questão. Muita delonga fatiga os anjos. É mesmo mais desculpável tomar uma decisão errada, às vezes, do que ficar sempre a vacilar, hesitando ora para uma, ora para outra direção. Maior perplexidade e mal resultam de hesitar e duvidar assim, do que de agir às vezes muito apressadamente.

Tem-me sido mostrado que as mais assinaladas vitórias e as mais terríveis derrotas se têm decidido em minutos. Deus requer ação pronta. Demoras, dúvidas, hesitações e indecisão dão muitas vezes toda vantagem ao inimigo (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 133, 134).

Marcelo Dias
 Professor de missiologia
 na Faculdade de
 Teologia do Unasp,
 Engenheiro Coelho, SP



Gentileza do autor

Wagner Kuhn
 Professor e diretor
 do programa de
 missiologia no
 Seminário Teológico da
 Universidade Andrews,
 Estados Unidos



Gentileza do autor

Missão adventista do despertamento ao engajamento

Um convite ao foco e à unidade em torno da razão de ser de todo adventista do sétimo dia

Passaram-se mais de 140 anos desde que J. N. Andrews partiu dos Estados Unidos para a Europa como primeiro missionário oficial adventista do sétimo dia. A decisão tomada pela comissão diretiva da Associação Geral, disponibilizando “o homem mais capaz em nossas fileiras”,¹ unida à paixão de Andrews e sua disposição para enfrentar os desafios ameaçadores a fim de levar a outros continentes a mensagem profética, marcou a consolidação de uma inspirada convicção e estabeleceu um paradigma para a identidade missionária do movimento adventista. Hoje, enquanto celebramos o passado e somos desafiados pelo futuro, é tempo de refletir sobre a razão da presença adventista do sétimo dia no mundo.

Depois de 100 anos

Em setembro de 1974, a revista *Ministry* publicou um artigo de Gottfried Oosterwal, sob o título “Missão adventista: depois de cem anos”. Sua avaliação do primeiro século de missão oficial da denominação notou algumas tendências que incluíam: (1) crescimento do número de membros, de 6 mil para 2,4 milhões; (2) a expansão

geográfica, (da presença exclusivamente nos Estados Unidos para 80% dos membros vivendo em outros países); (3) a diversidade étnica dos missionários (apesar da inexatidão dos números, supunha-se que 60% deles não fossem provenientes da América do Norte); (4) o imenso e contínuo crescimento do movimento adventista ao redor do mundo (aproximadamente 5,7% ao ano); (5) o grande número de instituições, hospitais e clínicas, colégios e faculdades, escolas fundamentais, editoras, orfanatos, asilos e indústrias alimentícias, somando 70 mil empregados; e (6) a elevada doação *per capita* (161,31 dólares por ano).

Entretanto, o que surpreendeu Oosterwal não foi essa informação, por mais impressionante que tenha sido. O aspecto mais notável da missão adventista 40 anos atrás era sua unidade. “Depois de cem anos, a missão adventista do sétimo dia”, diz o artigo, “ainda está proclamando, mundialmente, a mesma mensagem que também moveu seus pioneiros e fundadores – isto é, Cristo, o Redentor de todos os homens e o Senhor deste mundo, iniciou a última fase de sua missão, o juízo, para



Mapixblue / Fotolia

efetuar a restauração do reino de Deus em toda a sua glória.”²

Mais de 40 anos atrás

Em 1974, a alteração mais significativa na natureza da missão adventista havia sido a mudança do evangelismo pioneiro e o plantio de igrejas para os ministérios especializados em educação, obra hospitalar, assistência técnica e administração. Menos que 2% de todos os missionários foram chamados a trabalhar diretamente no campo. A grande maioria fazia parte do ministério no âmbito institucional. Em muitos lugares na América Latina, África e Ásia, isso era o resultado natural de uma igreja em crescimento, que havia desenvolvido então um sistema de apoio por meio de suas instituições.

Ao lado da necessidade de uma contínua alimentação da verdadeira natureza e missão da igreja, bem como uma clara teologia para guiar esse empreendimento, foram listadas como limitações duas tendências da metade dos anos 1970: “uma é a ênfase todo-exclusiva de nosso

movimento missionário além-mar como um programa intraigreja, com sua falta de divulgação evangelística a todos os povos da Terra. A outra é o conceito de que missionários deveriam retornar ao respectivo país tão logo houvesse obreiros e líderes locais preparados, capacitados ou desejosos em assumir os ministérios especializados.”³

Quaisquer que fossem os desafios depois de 100 anos de missão, a avaliação geral foi otimista devido ao fato de que a diversidade da igreja não havia afetado sua unidade. Os escritos de Ellen G. White foram citados como uma das causas porque eles tinham dado “à igreja não apenas uma autoridade comum, mas também um princípio comum de hermenêutica sobre quase todo aspecto da vida e da teologia da igreja”.⁴ Sistema comum de governo, teologia e fraternidade foram outros elementos importantes da dinâmica que manteve a unidade eclesial. Apesar dos desafios, certamente um aspecto estava evidente em 1974: a era missionária não havia terminado.

Hoje

Um olhar cuidadoso nos relatórios estatísticos anuais da Associação Geral, e outras informações atuais, pode ajudar a descrever a missão adventista depois de 140 anos. O adventismo está presente em 208 dos 232 países reconhecidos pela Organização das Nações Unidas. Dos mais de 7 bilhões de pessoas que vivem no mundo, aproximadamente 155 milhões vivem em países sem nenhum trabalho adventista estabelecido.⁵ No fim de 2013, a denominação tinha mais de 18 milhões de membros⁶ (18.143.745), enquanto um número estimado entre 25 e 30 milhões de homens, mulheres e crianças frequentavam semanalmente os cultos em 76.364 igrejas e 68.845 grupos ao redor do mundo.⁷

O número de membros da Escola Sabatina continua sendo maior do que o de membros da igreja.⁸ Os últimos 40 anos testemunharam um aumento de 659% no número de membros,⁹ com uma média anual de crescimento de 4,76%.¹⁰ Nos últimos dez anos, mais de um milhão de pessoas se uniram à igreja cada ano.¹¹ Verifica-se que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a denominação de mais rápido



crescimento em países como Austrália e Estados Unidos.¹²

Um estudo da realidade da igreja hoje evidencia tendências interessantes. Nas últimas quatro décadas, tem havido uma clara mudança da presença adventista no mundo. Seguindo a trajetória geral do cristianismo do Norte Global para o Sul Global, a maioria dos membros da denominação hoje vive naquelas que uma vez foram áreas receptoras de missionários: 6,6 milhões na África, 5,8 milhões na América Latina, e 3,4 milhões na Ásia.¹³

Esse número tem aumentado também na “Janela 10/40”.¹⁴ Acompanhando o crescimento numérico de fiéis, os dízimos e ofertas também têm aumentado nos últimos 40 anos. Em 2012, um relatório indicou um total de 3.276.600.259 de dólares em recursos financeiros: 70,6% em dízimos, 4,1% da missão mundial (incluindo Escola Sabatina e outros fundos arrecadados pela Associação Geral) e 25,3% de fundos intradivisão e de igrejas locais.¹⁵ Em 2010, enquanto o Norte (aproximadamente 8,5% dos membros) contribuiu com 56,5% dos dízimos da denominação, os membros do Sul Global foram responsáveis por 885 milhões de dólares (43,5%).¹⁶ Isso mostra que essa área do mundo têm contribuído de maneira mais significativa nos anos recentes.

Outra tendência, nas últimas décadas, é o aumento do número de instituições adventistas. Por volta de 2012, a denominação tinha mais que duplicado a quantidade de escolas fundamentais e secundárias, alcançando o número de 2.128 instituições. Orfanatos, asilos e casas de repouso também mais que duplicaram desde 1980.¹⁷ Quando são incluídos hospitais, indústrias de alimentos, clínicas e editoras, o número de instituições vai a 2.841 (ao lado de 5.714 escolas primárias). Os 14 centros de mídia representam uma nova categoria criada desde os anos 1980.¹⁸ A mesma tendência é identificada em termos de organizações administrativas. Em 2012, havia uma quantidade recorde de Uniões, Associações e

Missões. Conseqüentemente, o número de empregados gerais e institucionais mais que duplicou desde 1980.¹⁹

Uma leitura mais missiológica dos relatórios pode dar pistas sobre a abordagem evangelística que a Igreja Adventista tem empregado como denominação mundial.

1. O grupo tradicional de colportores evangelistas parece ter estabilizado, de 2008 a 2011, em aproximadamente 7 mil (credenciados e licenciados) ao redor do mundo. Em 2012, havia 13.543 colportores de tempo integral.

2. Ministérios de mídia também continuam a ser parte da estratégia evangelística, seguindo as tendências gerais da sociedade. Em comparação com 1980, a igreja tinha e operava cerca de 15% das emissoras de rádio em relação a 2012, e mais que duplicou as emissoras de televisão.

3. A criação dos Ministérios da Mulher (nos anos 1990) tem ajudado as igrejas locais a atender as necessidades e os interesses desse segmento particular da população. Em 2012, foram relatadas 129.320 pessoas batizadas como resultado direto do ministério feminino, 63.180 membros resgatados e 100.933 mulheres não adventistas passaram a frequentar a igreja.

4. O Ministério da Criança é outro exemplo de evangelismo segmentado. Em 2012, as crianças realizaram 138.630 programas evangelísticos ao redor do mundo.

5. A principal força da igreja, entretanto, permanece no nível local, por meio do envolvimento leigo em escolas bíblicas. Em 2012, foram realizados 716.162 batismos (comparados a 193.783, em 1980) como resultado direto desse trabalho. Curiosamente, as inscrições em escolas bíblicas têm decrescido. Em 2012, apenas 545.374 matrículas (em 1980, foram 700.777) foram realizadas, além de 1.198.968 campanhas e seminários leigos, um número incomum, se comparado a 251.691 em 2010, e 52.877 em 1980.²⁰

Embora a igreja se alegre com o progresso conquistado em muitas frentes,

permanecem ainda desafios externos e internos. Internamente, a questão da retenção de membros, que ultimamente tem recebido atenção, tem levado a denominação a enfatizar o estudo e a implementação do processo intencional do discipulado, bem como a encorajar programas globais de auditoria. Em 2013, o crescimento de membros (262.254) foi menor que o número dos que deixaram a igreja (foram batizadas 1.091.222 pessoas).²¹ Alguns têm apontado que o processo de institucionalização não tem sido eficientemente conectado com o propósito da igreja, tornando ainda mais difícil cumprir a missão adventista. Outros têm se preocupado com o comprometimento leigo com a missão. Embora as ofertas missionárias tenham alcançado o número recorde em 2012 (85.254.154 dólares), a baixa porcentagem de dízimos e ofertas também foi recorde – 2,6% em 2011 (comparada a 8,67% em 1980).²² O número de estudos bíblicos também tem diminuído: 6.759.370 em 2012, em comparação com 9.184.988 em 1980. Finalmente, o número de missionários tem oscilado: foram recebidos cerca de 1.700 novos missionários (incluindo empregados interdivisão, Serviço Voluntário Adventista e pioneiros de Missão Global). Em 2012, havia 2.260 missionários em atividade (empregados interdivisão e pioneiros de Missão Global).²³

Essa realidade parece ter sido refletida na média mais baixa de crescimento anual observada nos últimos dez anos (3,3%). Áreas adventistas tradicionais estão estagnadas,²⁴ incluindo o sul da Alemanha, Polônia, Japão, Hungria, Suíça, Nova Zelândia, Áustria, Portugal e Austrália. Três Uniões na América do Norte também fazem parte dessa lista: União do Pacífico, dos Lagos, e Norte do Pacífico.

Entretanto, as 15 Uniões com declínio mais rápido estão nas Divisões Euro-Ásiática, Transeuropeia e Intereuropeia.²⁵ De acordo com o pastor G. T. Ng, secretário da Associação Geral, “o número de membros tem aumentado em função do número de batismos, em vez de simplesmente fatores

demográficos. Em 1960, os batismos no Norte Global representavam 31%, e no Sul Global, equivaliam a 69%. Em 2010, os batismos no Sul Global cresceram três vezes mais, alcançando a extraordinária marca de 96,2% naquele ano”.²⁶

Essas realidades dissonantes também são confirmadas pelas diferentes preocupações levantadas nas duas regiões: enquanto o Norte Global discutia ativamente a ordenação de mulheres, o Sul Global parece ter descartado isso, preferindo manter o foco na missão. Analisando esse panorama, David Trim, diretor do Departamento de Arquivos, Estatísticas e Pesquisas Adventistas, comentou: “Nós estamos entusiasmados com esse crescimento num tempo em que, globalmente, muitos grupos religiosos não estão crescendo. Agradecemos a Deus pelo fato de que, em face dos desafios tais como opressão política, perseguição religiosa e crescente materialismo e secularismo, esse movimento, que enfatiza esperança e plenitude, continua crescendo.”²⁷

Amanhã

As oportunidades e desafios nos últimos 40 anos e, especialmente, no começo do século 21, têm levado a missão adventista a aprender, enfatizar e desenvolver dinâmicas missionárias específicas. À medida que a denominação enfrenta o futuro, algumas questões antigas permanecem, e outras novas passam também a exigir uma resposta: Como a igreja cumprirá a quase impossível tarefa de alcançar o mundo com o evangelho? O que mais pode ser feito (e de melhores formas) para cumprir essa meta abrangente? Como a igreja poderia canalizar sua imensa “energia missionária”, especialmente com os jovens? Como a igreja pode providenciar oportunidades para pessoas que desejam servir em campos missionários? Como podem ser criadas novas estruturas e plataformas de missão, de

modo que mais missionários trabalhem em áreas não alcançadas (Janela 10/40 e outras)? Como a igreja alcançará as massas urbanas, sem negligenciar as elites? Como podemos criar mais oportunidades de serviço num plano contínuo entre empregados interdivisão e voluntários adventistas? Essas questões serão abordadas na segunda parte deste artigo. **M**

Referências

¹ Ellen G. White, Carta 2a, 1878 (To “Dear Brethren in Switzerland”), 29/8/1878, *Manuscript Releases*, v. 5, p. 436.

² Gottfried Oosterwal, *Ministry*, setembro de 1974, p. 24-27.

³ *Ibid.*

⁴ *Ibid.*

⁵ “Trabalho estabelecido” é definido oficialmente como país ou área do mundo em que um ou mais dos seguintes critérios tenham sido cumpridos: (1) uma igreja organizada que se reúne regularmente; (2) um posto missionário, posto de saúde ou escola funcionando regularmente; ou (3) um empregado regular, de tempo integral, estabelecido no país ou área, empenhado em atividades evangelísticas para conquista de pessoas, por meio de Escola Sabatina, um grupo organizado ou uma escola de idiomas.

⁶ Mark A. Kellner, *Adventist Review*, 17/12/2013, <www.adventistreview.org>.

⁷ 2014 *Annual Statistical Report*, 27. <documents.adventistarchives.org/Statistics/ASR2014.pdf>

⁸ Em 2011, representava 107% em comparação a 119,07% em 1980. 2014 *Annual Statistical Report*, revisado em agosto de 2014, 7, <documents.adventistarchives.org/Statistics/ASR/ASR2014.pdf>

⁹ No fim de 1973, havia 2.390,124 membros. Os números usados para calcular porcentagens são do 111th *Annual Statistical Report of Seventh-day Adventists 1973*, <documents.adventistarchives.org/Statistics/ASR/ASR1973.pdf> e 2014 *Annual Statistical Report*.

¹⁰ O índice da média anual de crescimento teve por base uma tabela encontrada no site <www.adventiststatistics.org>.

¹¹ Andrew McChesney, *Adventist Review*, 12/10/2014, <www.adventistreview.org>.

¹² Edwin Manuel Garcia, *Adventist News Network*, <news.adventist.org>; G. Jeffrey MacDonald, *USA Today*, 17/03/2011, <wsatoday30.usatoday.com >

¹³ Edwin Manuel Garcia, *Op. Cit.*

¹⁴ No fim de 2011, menos de 2 milhões de membros viviam no Norte Global. Os números do Oriente Médio têm sido auditados. O número de membros

na Janela 10/40 cresceu de 250 mil em 1992, para mais de 2,5 milhões em 2012, mas a proporção em relação à população tem crescimento insignificante, não seguindo o que acontece em outras partes do mundo. 2013 *Annual Statistical Report*, 2, 4, e 2014 *Annual Statistical Report*, 80.

¹⁵ Por exemplo, em 1980, os dízimos representavam 62,1%, ofertas missionárias 11,2%, recursos locais e intradivisão 27,1% do total de entradas (2014 *Annual Statistical Report*, 4). Uma observação importante é que os membros dão mais dízimos do que ofertas missionárias.

¹⁶ Em comparação a 1960, esse foi um crescimento de 1.171% em termos reais, em contraste a 131% do Norte Global. G. T. Ng, *Journal of Adventist Mission Studies*, v. 8, n° 2, p. 43.

¹⁷ Sumário de Instituições (tabela 7), 2014 *Annual Statistical Report*, 4.

¹⁸ Escolas secundárias e superiores mais que duplicaram desde 1980: 882 escolas; 80 orfanatos em 1980 e 170 em 2012. Total de instituições em 1980: 1.451. 2014 *Annual Statistical Report*, 4-6.

¹⁹ União: 124, um crescimento de 55% em relação às 80 existentes em 1980. Associações e Missões: De 377 em 1980 para 601 em 2012. Empregados gerais e institucionais: em 2012 havia 255.982 empregados ativos, em comparação a 85.839 em 1980 (2014 *Annual Statistical Report*, 4, 5).

²⁰ O número de colportores era 7.073 em 1980 e 5.315 em 2012. Também em 2012, havia 455 emissoras de rádio, menor que o número de 1980 – 3.328. Por outro lado, as emissoras de TV somavam 918 em 2012, e 343 em 1980, com um pico de 2.252 em 2004. Em termos de Ministérios da Criança, a assistência por adventistas e não adventistas às Escolas Cristãs de Férias teve um pico em 2005 (2014 *Annual Statistical Report*, 5-7).

²¹ 2014 *Annual Statistical Report*, 27.

²² 34.564.983 dólares em ofertas missionárias, divididos por 398.880.407 dólares em dízimos (2014 *Annual Statistical Report*, 88).

²³ O número de empregados interdivisão caiu de 1.497 em 1980, para 92 em 2012. Empregados interdivisão ativos também diminuíram de 1.388 em 1980, para 839 em 2012. Tem havido uma tendência de declínio geral, desde os anos 1980 (David Trim, 2012 *Annual Statistical Report*, <documents.adventistarchives.org/Statistics/Other/ACRep2012.pdf>.

²⁴ “Estagnação” é definida pelo fato de o número de membros ter crescido a uma taxa menor que 12% em um período de dez anos.

²⁵ A razão dada é a perda de população em nações do leste europeu, que tem retrocedido em virtude de uma grande crise econômica e do alto desemprego na antiga União Soviética e adjacências.

²⁶ G. T. Ng, *Op. Cit.*, p. 38.

²⁷ Mark A. Kellner, *Op. Cit.*



Gentileza do autor

O pensamento **hebraico**

Compreender a cosmovisão dos autores bíblicos ajuda a interpretar melhor a Palavra de Deus



É preciso admitir que os gregos deixaram uma herança muito rica para o Ocidente, nas artes, na ciência e na cultura. Sem eles, não seríamos o que somos hoje. No entanto, se atualmente temos tanta dificuldade para entender a Bíblia, em grande parte isso se deve à nossa mente “helenizada”, afinal, gregos e

hebreus eram bem diferentes em sua maneira de enxergar o mundo.

Podemos afirmar que a Bíblia é essencialmente hebraica.¹ Apesar de o Novo Testamento ter sido escrito em grego e haver influência grega em seu estilo, seu “pano de fundo é [...] hebraico. Os escritores [com exceção de Lucas] são hebreus,

a cultura, a religião e as tradições são hebraicas, e os conceitos são hebraicos”.² Em sua grande parte, a Palavra de Deus foi “pensada por mentes hebraicas, mesmo quando os lábios falaram e as mãos escreveram em grego”.³ Daí a importância de se entender mais a fundo a mentalidade hebraica antiga.

A seguir, relacionamos de modo sucinto algumas das principais nuances do pensamento hebraico, confrontando-as com o pensamento grego, que, geralmente, é também o pensamento ocidental. Vale lembrar que nem todos os gregos e hebreus pensavam de maneira idêntica. Havia, dentro de cada cultura, diferentes ramificações quanto à religião e à filosofia. As características seguintes representam cada cosmovisão de forma geral, sem levar em consideração as diferentes vertentes.

Concretismo

No idioma hebraico antigo (língua predominante do Antigo Testamento), ao contrário do grego, as ideias eram muito mais concretas do que abstratas. Até conceitos abstratos, como os sentimentos, costumavam ser associados a algo concreto.

Em hebraico, a palavra “ira” ou “raiva”, por exemplo, é *af* (Êx 4:14), a mesma que é usada para “nariz” ou “narinas” (Jó 40:24). Geralmente, quem fica com raiva respira de modo acelerado, e as narinas se dilatam. É possível que esse seja o motivo concreto por trás da relação entre as duas palavras.

Outro exemplo desse concretismo hebraico é a palavra “fé”, *emunah* (Hc 2:4), que, em vez de significar apenas crença ou aceitação mental – como no idioma grego –, expressa também qualidades como firmeza, fidelidade e estabilidade, como uma estaca fincada no chão (em Is 22:23, a palavra “firme” vem do verbo *aman*, a mesma raiz de *emunah*). Portanto, crer, do ponto de vista bíblico-hebraico, tem que ver muito mais com uma atitude de fidelidade para com Deus do que com mero assentimento mental.

Dinamismo

Os hebreus eram um povo extremamente dinâmico e seu idioma refletia isso. No português, como em outras línguas, o nome ou sujeito vem em primeiro lugar na frase, e o verbo geralmente é colocado logo em seguida. Exemplo: “Antônio obedeceu a seu pai.” Em hebraico,

frequentemente a ordem é inversa: “Obedeceu Antônio a seu pai.” “Esse tipo de ênfase no verbo sugere que os hebreus eram um povo centrado na ação.”⁴

Até substantivos que, para nós, não implicam necessariamente uma ação, na língua hebraica antiga envolviam algum movimento. A palavra “presente” (ou “bênção”), *berakah* (Gn 33:11), por exemplo, vem da raiz *brk* (“abençoar” ou “ajoe-lhar”) e pode significar “aquilo que se dá com o joelho dobrado”, uma possível referência ao costume de inclinar o corpo ao presentear alguém.⁵

Para a mente hebraica, a ação precedia o pensamento, e não o contrário. “Em vez de pensar da causa para o efeito, como o pensamento ocidental moderno tende a fazer, os antigos hebreus raciocinavam do efeito para a causa [...]. De fato, o mecanismo do pensamento hebraico é oposto ao cogito cartesiano, sendo este último o pressuposto básico na metodologia ocidental. Em vez de afirmar: ‘Penso, logo existo [sou]’, o pensamento hebraico declara: ‘Existo [sou], logo penso.’”⁶

Para os hebreus, havia uma íntima relação entre o que se fala e o que se faz. Entendia-se que a palavra de um homem devia corresponder às suas ações. Aliás, “palavra”, *dabar* em hebraico, pode significar também “coisa” ou “atos”. Logo, na mentalidade hebraica, dizer algo e não agir de acordo implicava mentira, falsidade.

Descrição funcional e pessoal

Geralmente, os gregos descreviam os objetos com ênfase na aparência, o que nós, ocidentais, também fazemos. Os hebreus, ao contrário, consideravam mais a função e o objetivo das coisas. Se nos mostrassem um lápis e nos pedissem para descrevê-lo, provavelmente, diríamos: “O lápis é azul”, ou “é amarelo”; “tem ponta fina”, ou não; “é cilíndrico”, ou “é retangular”; “é curto”, ou “é comprido”; etc. Note que em todas essas características a ênfase está na aparência. Um semita antigo talvez descrevesse o

mesmo lápis de forma bem mais simples e objetiva: “Eu escrevo palavras com isso.” Na cosmovisão hebraica, a função, a finalidade e a utilidade dos objetos eram mais importantes do que a forma ou a aparência.

Talvez por isso, os elogios de Salomão a sua amada no livro de Cantares soem tão estranhos aos nossos ouvidos. Por exemplo, dizer a uma mulher: “O teu ventre é [um] monte de trigo” (Ct 7:2) pode ser ofensivo hoje em dia! Entretanto, na cultura da época, a imagem do trigo trazia a ideia de fertilidade, sustento, abundância e saciedade. Assim, o elogio de Salomão é mais funcional do que visual.

Outro exemplo é a descrição feita da arca de Noé e do tabernáculo do deserto (Gn 6:14-16; Êx 25-28). Qualquer um que lê o que a Bíblia diz a respeito dessas construções nota que há muito mais detalhes sobre a estrutura e os materiais empregados na confecção do que com relação à aparência.

“Quando queremos falar a respeito [de um objeto] e descrevê-lo, tentamos reproduzir em nossos ouvintes, por meio das palavras, a mesma imagem [que está em nossa mente]. Os gregos faziam isso também. Os [hebreus], por outro lado, não tinham interesse na aparência ‘fotográfica’ das coisas ou pessoas. [Eles] nos dão suas impressões do objeto percebido” (itálico acrescentado).⁸

Além de funcional, o estilo de descrição dos hebreus era também pessoal – o objeto era descrito de acordo com a relação dele com a pessoa. Ao descrever um dia ensolarado, em vez de afirmar: “O dia está lindo”, um hebreu talvez dissesse: “O sol aquece meu rosto!” Isso ajuda a explicar a declaração de Davi: “O Senhor é o meu pastor” (Sl 23:1).⁹

Conhecimento prático

Para os gregos, sabedoria era o resultado, sobretudo, do estudo, da contemplação e do raciocínio. O conhecimento era basicamente teórico, limitado ao mundo das ideias. Para os hebreus, no entanto, o

conhecimento era essencialmente prático. Conhecer era, principalmente, experimentar, envolver-se com o objeto de estudo. “A palavra hebraica *yada'*, que expressa a ideia de conhecimento, é utilizada também para expressar a dinâmica do relacionamento conjugal [...] (Gn 4:1, 17; 19:8) e até, de forma figurativa, [o relacionamento] entre Deus e os seres humanos (Sl 16:11; Jr 9:23, 24; Os 8:2). [Na mentalidade hebraica] conhecer significa ‘conviver com’. O conhecimento não consiste em observar e analisar o objeto; ele é o resultado da experiência, de uma caminhada com alguém (Sl 95:10), e implica um compromisso pessoal com o objeto ou a pessoa a ser conhecido(a).”¹⁰

Os hebreus consideravam a inteligência não apenas como capacidade intelectual, mas também como a habilidade de ouvir, de receber conhecimento externo. Na mentalidade hebraica, os ouvidos estavam especialmente relacionados à sabedoria (Is 50:5; Jó 12:11; Ne 8:3 e Jr 6:10).¹¹ Se, para os gregos, o conhecimento era subjetivo, inerente ao homem (o que se percebe pela inscrição “Conhece-te a ti mesmo”, do oráculo de Delfos, na Grécia), para os hebreus, o conhecimento era objetivo e, em última análise, era o resultado da revelação divina.

Na cosmovisão bíblico-hebraica, “temer a Deus” é o primeiro passo para se obter sabedoria (Sl 111:10; Pv 1:7). “A epistemologia grega ensinava que a verdade última é adquirida pelo exclusivo exercício da razão que a descobre. Por sua vez, a epistemologia hebraica entendia que a verdade última é um mistério que só se conhece caso Deus a revele. O papel da razão se resume a assentir ao que Deus revelou de Si mesmo [...]. Verdades simples podem ser apreendidas pela razão; verdades teológicas, pela Revelação.”¹²

Noção de tempo e história

Na mentalidade semita antiga, a percepção do tempo também era diferente

da nossa. Para os hebreus, é possível que o passado (tempo completo) fosse visto como estando à frente – a palavra *qedem*, “antiguidade” (Sl 77:11), também tem o sentido de “frente” – e o futuro (tempo incompleto), como estando atrás – *mahar*, “amanhã” (Êx 13:14) ou “no futuro” (Dt 6:20), vem da raiz *'ahar*, que significa, entre outras acepções, “ficar atrás”.

É possível que essa maneira de enxergar o tempo fosse em virtude do pensa-

Se queremos que nossa interpretação das Escrituras se aproxime do sentido original do texto, é fundamental que estejamos familiarizados com as principais nuances do pensamento hebraico.

mento concreto e funcional dos antigos semitas, mencionado anteriormente. A lógica seria esta: O passado foi completado, por isso podemos olhar para ele como se estivesse diante dos nossos olhos. O futuro, porém, ainda está indefinido, incompleto, por isso ainda é desconhecido e é como se estivéssemos de costas para ele. É semelhante a um homem remando um barco: ele vê à sua frente o que passou, enquanto o destino está às suas costas.¹³

Embora o tempo na visão hebraica assumisse uma forma rítmica – termo preferível a “cíclica”¹⁴ – (com os períodos do dia, o sábado semanal, as luas novas, as estações, as festas anuais e o ano jubileu), a noção de história era linear. Deus foi quem iniciou a história (Gn 1:1) e é Ele quem faz

com que ela prossiga para um fim, um clímax, o chamado “Dia do Senhor” (*yom Yahweh*), tempo em que Ele intervirá na história humana para salvar os fiéis e castigar os rebeldes (Sf 1:7, 14; Jl 2:1; 2Pe 3:10). Todavia, essa descontinuidade da história é vista apenas como o começo da eternidade (*'olam*; Dn 12:2).

“Acredita-se que os gregos viam a história como um ciclo interminável de repetições sem rumo. [...] [para eles] a história andava em círculos, repetindo-se sem nenhum destino em vista. Os hebreus, por outro lado, viam a história humana como se dirigindo a um ponto. Ela teve um começo definido e apontava para uma meta definida, culminando com o reino messiânico do Redentor de Israel. [Os hebreus] tinham um conceito de história em linha reta, avançando para a frente, como uma flecha para o alvo.”¹⁵

Teocentrismo e integralidade

Os hebreus não dividiam a vida, como nós fazemos, em sagrada e secular. “Para a mente hebraica, tudo é teológico. Tudo está sob o domínio de Deus. [...] [Os hebreus] viam todos os aspectos da vida como uma unidade. [...] todas as circunstâncias da vida – os momentos bons e os difíceis – ocorrem, não por acaso, mas sob o controle soberano do Deus todo-poderoso.”¹⁶

Até mesmo as tarefas do cotidiano eram consideradas, de certa forma, sagradas. A palavra hebraica *'atsab*, no grau Piel, significa tanto “fazer”, no sentido de “fabricar”, quanto “adorar”, assim como o verbo *'abad* (“trabalhar” ou “servir”) muitas vezes aparece no contexto de adoração (Js 24:15; Sl 100:2).¹⁷ Na lavoura, na escola ou no templo, a vida era vista como um constante ato de adoração (1Co 10:31). Para o povo hebreu, a adoração era mais do que um evento: era um estilo de vida; e a religião permeava cada aspecto da rotina.

O filósofo grego Platão difundiu uma interpretação dualista da realidade. Ele acreditava que havia dois mundos: o das ideias (ou do espírito) e o mundo real. De acordo com essa visão, o ser humano era formado por duas partes: espírito (ou alma) e corpo. O corpo e os elementos materiais eram considerados ruins, e apenas o “espírito” e as coisas do “além” eram vistos como algo bom. Assim, a morte, na verdade, seria a libertação da alma, que, enquanto estivesse no corpo, estaria presa ao mundo material.

Por sua vez, os hebreus tinham uma visão integral da vida. Para eles, o ser humano era completo, indivisível. Na mentalidade hebraica, alma se refere ao indivíduo como um todo (corpo, mente e emoções). Ao contrário dos gregos, que criam na imortalidade do espírito, os antigos hebreus – que ainda não haviam sido influenciados pelo helenismo – acreditavam na mortalidade da alma e na ressurreição (Ez 18:4; Dn 12:1, 2). “A visão de uma dicotomia – corpo e alma – era estranha à mentalidade hebraica. A morte para os hebreus era entendida como uma cessação real e total da vida. No Antigo Testamento, um falecido era tido como uma alma morta (Nm 6:6; Lv 21:11). O ser humano não tinha uma alma, mas era uma alma.”¹⁸

Espiritualidade concreta

Para a mente greco-romana, espiritualidade era algo místico. Ser espiritual significava desprezar totalmente a matéria e se conectar ao “outro mundo”. Esse desprezo dos elementos materiais variava entre dois extremos. Alguns, por exemplo, renunciavam completamente os prazeres físicos, tais como a alimentação e o sexo, a ponto de mutilar seus órgãos genitais. Outros se entregavam a todo tipo de sensualidade e orgia. Ambos os comportamentos tinham como base a ideia de que o corpo é mau, e que, no fim das contas, o que importa mesmo é a “alma”.

Para a cosmovisão hebraica, porém, o corpo foi criado por Deus, e por isso é considerado sagrado. As Escrituras afirmam que “do Senhor é a Terra” (Sl 24:1). E, enquanto criava o mundo, Deus viu que este “era bom” (Gn 1:10, 12, 18, 21) – e não mau, como afirmava o pensamento platônico. Na compreensão bíblico-hebraica, Deus fez o mundo (as coisas materiais), e deu ao homem a responsabilidade de cuidar dele. “A civilização helênica tinha uma concepção antropológica que se fundamentava no somatório de duas partes: o corpo e a alma. A civilização semítica, particularmente a hebraica, não dicotomizava. O corpo era concebido como o ser humano na sua totalidade. [...] [A] visão dicotômica valorizava, acentuadamente, a alma em detrimento do corpo, o seu cárcere. Do outro lado, na inteligência semítica, o modelo não conhecia uma alma sem corpo. Corpo significava o ser humano na sua totalidade. Na verdade, o israelita não falava em criação do corpo, mas do ser humano.”¹⁹

Para os hebreus, portanto, espiritualidade tinha que ver, sim, com esta vida. Embora os judeus dos tempos bíblicos tivessem seus olhos no Céu, seus pés estavam bem firmados na Terra.²⁰ Na cosmovisão bíblica, não é preciso entrar num estado de transe para alcançar “o mundo superior”. Conforme as Escrituras, é possível, e necessário, ser santo e desenvolver a espiritualidade no dia a dia, nas situações comuns da vida e no trato diário com as pessoas (Lv 20:7; 1Pe 1:16).

Mudança de perspectiva

Ao estudar a Bíblia, precisamos reconhecer que os autores inspirados não pensavam como nós pensamos. Seu padrão mental, sua cosmovisão não tinha as mesmas características da nossa maneira de ver e entender o mundo, grandemente influenciada pelo pensamento grego. Por isso, se queremos que nossa interpretação

das Escrituras se aproxime do sentido original do texto, é fundamental que estejamos familiarizados com as principais nuances do pensamento hebraico. **IM**

Referências

- ¹ David Bivin; Roy Blizzard Jr., *Understanding the Difficult Words of Jesus* (Shippensburg: Destiny Image, 1984), p. 4
- ² Ibid.
- ³ Claude Tresmontant, *A Study of Hebrew Thought* (Nova York: Desclée, 1960), p. 5.
- ⁴ Ferdinand O. Regalado, “Hebrew thought: its implications for adventist education” (Silang: Universidade Adventista das Filipinas, 2000).
- ⁵ Jeff A. Benner, “Ancient hebrew thought”, disponível em: <http://www.ancient-hebrew.org/12_thought.html>; Daniel Lopez (professor de Filosofia da Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro), “O pensamento hebraico”, entrevista concedida por e-mail.
- ⁶ Jacques B. Doukhan, *Hebrew for Theologians* (Lanham: University Press of America, 1993), p. 193.
- ⁷ Jeff A. Benner, *Op. Cit.*; Holean Costa, “A mentalidade semita de nossos pais – parte 3”, disponível em: <<http://kedem.kol-hatorah.org/a-mentalidade-semita-de-nossos-pais-parte-3/>>.
- ⁸ Thorleif Boman, *Hebrew Thought Compared with Greek* (Nova York: Norton, 1970), p. 74.
- ⁹ Holean Costa, *Op. Cit.*
- ¹⁰ Jacques B. Doukhan, *Op. Cit.*, p. 193, 194.
- ¹¹ Ibid.
- ¹² Rodrigo P. Silva, *Filosofia e Teologia: Anotações de Classe* (Engenheiro Coelho: Unasp, 2009), p. 51.
- ¹³ R. Laird Harris; Gleason L. Archer, Jr.; Bruce K. Waltke, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* (Vida Nova: 1998), p. 1318.
- ¹⁴ Jacques B. Doukhan, *Op. Cit.*, p. 202.
- ¹⁵ Christian Overman, *Assumptions that Affect Our Lives* (Bellevue: Ablaze, 2006).
- ¹⁶ Marvin R. Wilson, *Our Father Abraham* (Grand Rapids: Eerdmans, 1989), p. 156.
- ¹⁷ R. Laird Harris; Gleason L. Archer, Jr.; Bruce K. Waltke, *Op. Cit.*, p. 1065, 1066, 1155.
- ¹⁸ Cláudio Antônio Hirle Lima, “Valores da educação hebraica na educação adventista”, *Kerygma*, Eng. Coelho, v. 7, n. 1, 2011, p. 25.
- ¹⁹ Joel Antônio Ferreira, “A corporeidade em 1 Coríntios: o embate entre as culturas semítica e helênica”, revista *Interações – Cultura e Comunidade* (PUC – Minas Gerais), v. 3, n. 3, 2008, p. 46.
- ²⁰ Marvin R. Wilson, “Hebrew thought in the life of the church”, em Morris Inch; Ronald Youngblood (orgs.), *The Living and Active Word of God* (Winona Lake: Eisenbrauns, 1983), p. 129.



Gentileza do autor

Os cristãos e a homossexualidade

Princípios do Antigo Testamento para orientar a conduta da igreja quanto aos homossexuais

Esta primeira das três partes que compõem este artigo busca identificar princípios no Antigo Testamento para orientar o relacionamento entre a comunidade cristã e as pessoas engajadas em algumas formas de atividade sexual fora do casamento heterossexual. Meu foco primário será sobre a atividade homoerótica consensual, conforme praticada por pessoas identificadas com o movimento lésbico, gay, bissexual e transgênero (LGBT).¹

O impacto da queda no ideal da criação

Gênesis 2 descreve o ideal da criação para as relações sexuais humanas: um homem e uma mulher sendo unidos como “uma só carne” em um relacionamento monogâmico, imitando a sagrada união da Trindade. Por meio do casamento, dois seres humanos feitos à imagem de Deus como opostos sexualmente complementares devem continuar a criação, por meio da procriação.²

O Antigo Testamento mostra como a queda (Gn 3) afetou de muitas maneiras o

ideal da criação para o casamento e a sexualidade. Primeira, o macho tende a ser dominante (v. 16). Segunda, o casamento já não é eterno, porque esposo e esposa morrem (v. 19, 22-24). Terceira, um homem pode se tornar insatisfeito com a esposa e se divorciar dela (Dt 24:1).³ Quarta, para contrair matrimônio, seres humanos pecaminosos seguem seus desejos, que nem sempre estão de acordo com a vontade de Deus (Gn 4:19 – bigamia; 6:1-3). Quinta, as pessoas atendem seus próprios desejos, para se envolver em vários tipos de atividade sexual fora do casamento.⁴ Sexta, devido a vários fatores, algumas pessoas são inférteis (Gn 11:30; 25:21), ou incapacitadas para o desempenho sexual (Is 56:3 – eunucos).

Deus respondeu à condição do homem caído, permitindo e até mesmo abençoando o novo casamento depois da morte do cônjuge (Rt 1:4, 5; 4:10-17), admitindo por meio de regulamentação o divórcio sob certas condições (Dt 24:2-4), tolerando e desencorajando a poligamia (Êx21:10,11;Lv18:18;Dt21:15-17),⁵ permitindo

o casamento entre parentes chegados (Gn 4:26; cf. v. 17), mas proibindo-o posteriormente, conforme a raça se degenerava (Lv 18; 20), e reprovando todas as formas de atividade sexual fora do casamento (Lv 18; 20). Assim, Ele misericordiosamente acomodou de alguma forma as fraquezas humanas, mas não mudou o princípio da atividade sexual restrita ao casamento, definido como relacionamento de aliança entre um homem e uma mulher. Esse ideal sobreviveu à queda e consequente depreciação da imagem de Deus nos seres humanos.

O fato de que o Senhor limita a legítima prática sexual ao casamento exclui a possibilidade de que Sua comunidade de crentes plenamente e regularmente estabelecida possa incluir aqueles que transgridem Sua vontade, ao engajar-se em atividade sexual fora do casamento como Ele define (Lv18;20). Desde a queda, esse permanente princípio deve ser aplicado à condição humana que tem se tornado um tanto confusa. Por um lado, as distinções entre os gêneros nem sempre são tão claras na Bíblia,

como eram antes da queda. As Escrituras definem identidade sexual, seja macho ou fêmea, somente em termos de órgãos reprodutores, mas algumas pessoas podem ter características de ambos os sexos.

Crescimento em graça

Outra complicação surge porque todos os tipos de pessoas vão a Deus por meio de Cristo para que sejam salvas (Mt 9:10; Jo 12:32; Lc 14:21-23) e sua transformação envolve uma linha de aprendizado, enquanto elas progressivamente compreendem e seguem os princípios divinos. Nem todas as questões entre elas e Deus somem instantaneamente, no momento em que essas pessoas iniciam a caminhada para Ele; contudo, o Senhor nutre sua resposta positiva. Por exemplo, Ele ordenou que os israelitas amassem os estrangeiros entre eles e os tratassem bem (Êx 22:21; 23:9; Lv 19:10, 33, 34). Esses forasteiros não eram cidadãos com plenos direitos como os nativos israelitas, nem eram responsáveis pela observância de todas as instruções religiosas aplicadas aos israelitas, como os requerimentos para observância das festas anuais, devolução dos dízimos e doação de ofertas dos primeiros frutos (Êx 23:16, 19; Lv 23:4-44; 27:30, 32; Nm 18).

Entretanto, eles eram responsáveis pela obediência ao Deus do concerto (Êx 12:19; Lv 16:29), submissão às Suas instruções básicas sobre comportamento sexual (Lv 17:10, 12, 13; 18:26; 20:2; 24:16, 22), e a purificação da impureza ritual física, em alguns casos (Lv 17:15; Nm 19:10). Era-lhes permitido o envolvimento nos ritos de culto com os israelitas, bem como era providenciado para que eles seguissem os regulamentos aplicáveis (Êx 12:48, 49; Lv 17:8; 22:18; Nm 9:14; 15:14-16). Deles também era requerida expiação pela transgressão dos mandamentos divinos, isso feito por meio de ofertas de purificação (“ofertas pelo pecado”; Nm 15: 26, 29). Desse modo, Deus buscava atrair estrangeiros

que tinham pouco ou nenhum conhecimento dele, para um relacionamento com sua comunidade de fé, a fim de cumprir parcialmente seu propósito de fazer dos descendentes de Abraão um canal de bênçãos para todas as pessoas (Gn 12:3; 22:18).

Basicamente, a mesma abordagem divina se aplica ao Israel espiritual de hoje (Gl 3:26-29), com a ressalva de que somos uma comunidade de crentes, em vez de uma nação teocrática pertencente a um certo grupo étnico. Em harmonia com o exemplo de Cristo (Mt 9:10, 11; Lc 15:1, 2), devemos permitir que pessoas faltosas (assim como nós) cheguem a Deus e sejam fortalecidas em seu relacionamento com Ele, garantindo-lhes acesso à fraternidade e à adoração conosco, sem comprometimento de princípios pelos quais somos responsáveis perante o Senhor, de modo que a influência transcorra somente em uma direção positiva. Quando os fariseus questionaram o evangelismo inclusivo de Jesus, Ele respondeu: “Os são não precisam de médico, e sim os doentes. Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos; pois não vim chamar justos e sim pecadores [ao arrependimento]” (Mt 9:12, 13).

Nossa resposta

Deus não torna uma pessoa responsável pela luz que ela não tenha recebido ou não tenha compreendido (Tg 4:17). Assim, estaríamos cometendo um crime sério, se fechássemos nosso coração e as portas da igreja às pessoas em busca de Deus com problemas, incluindo sexuais, que são moralmente imaturas, as quais Ele está atraindo para si (Mt 19:14). Se elas são habilitadas, ou não, para se unir oficialmente e permanecer na comunidade de fé, isso depende de aceitarem os princípios “inegociáveis” pelos quais Deus torna responsável Sua comunidade. De acordo com Jesus, o princípio mais inegociável descrito no Antigo Testamento é o evidente, eterno e redentor princípio

do amor altruísta (Mt 22:37-40; Lc 10:27-37; cf. Lv 19:18, 34; Dt 6:5). *Continua na próxima edição.* 

Referências:

¹ Uma forma anterior deste estudo foi apresentada em 18 de março de 2014, sob o título “À imagem de Deus: Escritura, Sexualidade e Sociedade”, em um encontro organizado pela Associação Geral dos Adventistas, na Cidade do Cabo, África do Sul. Para mais discussões sobre esse assunto, ver Roy E. Gane, Nicholas P. Miller e H. Peter Swanson, eds., *Homosexuality, Marriage and the Church: Biblical, Counseling and Religious Liberty Issues* (Berrien Spring, MI: Andrews University Press, 2012); que inclui Richard M. Davidson, “Homosexuality in the Old Testament”; Robert A. J. Gagnon, “The Scriptural Case for a Male-Female Prerequisite for Sexual Relations: A Critique of the Arguments of Two Adventist Scholars”, p. 53-161; e Roy E. Gane, “Some Attempted Alternatives to Timeless Biblical Condemnation of Homosexual Acts”, p. 163-174.

² James V. Brownson argumenta que “a linguagem de ‘uma só carne’ em Gênesis 2:24 não se refere à complementariedade física do gênero, mas ao elo comum de afinidade compartilhada. Portanto, é simplesmente enganoso dizer que os atos eróticos do mesmo sexo descritos em Romanos 1:26, 27 sejam “contrários à natureza” porque eles transgridem a complementariedade física dos gêneros descrita na união ‘uma só carne’ de Gênesis 2:24” (*Bible, Gender, Sexuality: Reforming the Church’s Debate on Same-Sex Relationships* [Grand Rapids, MI, Eerdmans, 2013], p. 35). É verdade que Gênesis 2:24 enfatiza a unidade, mas outras partes do relato da criação revelam complementariedade. Por exemplo, em Gênesis 1:27, 28, Deus criou homem e mulher e abençoou sua procriação. Em 2:18, Deus disse a Adão: “Não é bom que o homem esteja só. Farei para ele uma auxiliadora que lhe seja idônea”. As palavras “auxiliadora que lhe seja idônea” derivam do hebraico *kenegdo* (cf. v. 20), em que *neged* se refere ao “que é oposto, que corresponde” (Ludwig Koehler e Walter Baumgarten, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, ed. M. E. J. Richardson [Leiden: Brill, 2001, 1:666]). Isso indica diferença, bem como semelhança (cf. Brownson, *Op. Cit.*, 30, esp. n. 27).

³ No Novo Testamento, Jesus também se referiu à possibilidade de que uma esposa se divorciasse do marido (Mc 10:12).

⁴ Isso inclui sexo pré-conjugal (Êx 22:16), estupro (Gn 34:2), adultério, incesto, relação homossexual e bestialidade (Lv 18, 20). O Antigo Testamento não menciona masturbação. O pecado de Onã foi o “coito interrompido” adotado para impedir o propósito do levirato no casamento (Gn 38:9).

⁵ Sobre Levítico 18:18, que alguns intérpretes consideram uma compreensiva proibição de toda poligamia, ver Roy E. Gane, *Leviticus, Numbers, NIV Application Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004), p. 319, 320.

Portas fechadas

O desafio de levar os membros à missão



Gratidão do autor

Em março, nossa família completará um ano servindo a Deus no campo missionário. Trocamos as dunas das praias do Nordeste pelas areias do Deserto da Árábia, na Jordânia. Embora esteja há pouco tempo neste país, gostaria de compartilhar algumas impressões que estão sendo valiosas para meu ministério e que, talvez, sirvam para sua reflexão. Confesso que, nesse período, aprendi tanto quanto ao longo dos nove anos em que trabalhei como pastor nos Estados de São Paulo, Goiás e Alagoas.

O primeiro choque foi ainda dentro do avião, em Paris. Fazia a conexão para Beirute quando, ao entrar na aeronave, percebi que mulheres de burca e homens vestidos de túnica eram a maioria dos passageiros. De São Paulo a Paris, o visual ainda era muito familiar; mas, entrar em um avião onde a maioria aparentava a imagem de “terrorista” divulgada no Ocidente, foi algo totalmente diferente. Eu ainda não havia vivenciado, muito menos trabalhado isso em minha mente. Enquanto

eu afivelava o cinto de segurança e o avião se preparava para decolar, peguei-me questionando de Deus sobre o lugar para onde estava levando minha família.

Foi ali que comecei a repensar meu ministério. Tinha certeza de que o Senhor havia dirigido todas as nossas

transferências. Estava certo de que não seria naquele momento, em que mais precisaríamos de Deus, que Ele nos abandonaria. Assim, mais uma vez, entreguei minha família nas mãos dele, e deixamos o mundo ocidental.

Desde o princípio, eu soube que deveria pastorear duas congregações: a comunidade árabe adventista e a comunidade internacional, formada por membros de diferentes partes do mundo que vivem na capital, Amã. Imaginava que enfrentaria muitos desafios, principalmente com os muçulmanos. A Jordânia é um país em que 97% da população professa o islamismo, e o proselitismo é proibido por lei. A exceção ocorre apenas quando um cristão deseja se tornar seguidor de Maomé.

Entretanto, para minha surpresa, a cada sábado eu percebia alguém diferente nos horários de culto. Os visitantes entravam discretamente e se assentavam para acompanhar a programação. No princípio fiquei preocupado. Quem seriam eles? Espiões, terroristas, a polícia secreta? Coisa

de principiante. Preconceito. Descobri que eram muçulmanos curiosos em saber mais sobre nossa fé e identidade. Aos poucos fui perdendo o medo e gostando da ideia de receber essas visitas. Com o tempo, comecei a interagir e dialogar com cada uma delas.

Certa ocasião, percebi que três jovens muçulmanas trajando burca espreitavam pela porta a nave da igreja. Rapidamente me aproximei, abri a porta e cordialmente as convidei para entrar. Ao terminar o culto, pedi a uma irmã que fosse conversar com elas. O diálogo entre um homem e uma mulher não é visto com bons olhos por aqui. “Falar com elas? Pastor, elas são muçulmanas!” O questionamento daquela jovem senhora (isso mesmo, jovem), revelou qual seria meu maior desafio no Oriente Médio: os cristãos.

De forma geral, os cristãos veem os muçulmanos como um grupo sem salvação. Por mais de uma vez vi atitudes semelhantes ocorrendo no contexto de nossa comunidade. Naquele dia voltei para casa chateado. Além dos desafios relacionados com a cultura, língua, costumes e comida, deparei-me com membros que têm dificuldade em entender qual é a real missão da igreja.

Quando deixei o Brasil, sabia que a tarefa seria difícil, mas não previa que teria tantas dificuldades relacionadas à visão missionária dos membros da igreja. Há quase um ano estou tentando ensinar aos de dentro que nossa única razão de ser igreja é alcançar os de fora. Percebi que esse problema é mais comum do que imaginava. Por favor, ore para que essa barreira seja vencida e o evangelho eterno seja pregado com poder aqui na Jordânia. **M**

Paulo Rabello
Missionário na Jordânia

A vida é um presente de Deus.

Comece cada dia com os devocionais da CPB e permita que o Criador inspire sua jornada. Alimente a esperança em seu coração.

Meditações 2016



MEDITAÇÕES DIÁRIAS
UM OLHAR PARA O CÉU
Marcos De Benedicto

MEDITAÇÃO DA MULHER
TOTALMENTE AMÁVEL
Várias autoras

INSPIRAÇÃO JUVENIL
DE OLHO NO PRÊMIO
Cecília E. Nascimento

DEVOCIONAL DAS CRIANÇAS
CRESCENDO COM JESUS
Selma Carvalho Fonseca, Thiago Lobo

BROCHURA E ENCADERNADA

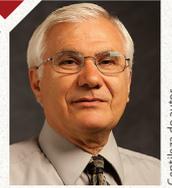
  /casapublicadora

Ligue
0800-9790606
Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h

Acesse
www.cpb.com.br
Ou dirija-se a uma CPB livraria



Se preferir, envie um SMS para o número 28908 com a mensagem CPBLIGA, e entraremos em contato com você.



Gentileza do autor

Momentos de decisão

Torne sua igreja mais receptiva aos convidados

Quando entrei no templo que estava visitando, um homem, carregando um maço de papel, cumprimentou-me. Enquanto reclamava com outra pessoa sobre alguns problemas da igreja que não deveriam ser mencionados em minha presença, apertou minha mão. Tentando me fazer sentir bem-vindo, disse-me: "Prazer em conhecê-lo. Você vai gostar de nossa igreja. É um lugar muito agradável!"

Assim que me assentei, uma mulher se levantou para dar os anúncios e disse: "Hoje não teremos nosso junta-panels, conforme foi anunciado no boletim. Desculpe-nos, nós tivemos que cancelá-lo." Então, um homem a interrompeu, dizendo: "Não, nós o transferimos para o parque." De repente, outra pessoa gritou: "Isso não foi uma boa ideia. Vejam o tempo, vai chover!" Finalmente, o pastor foi à frente e deixou claro que o almoço comunitário havia sido transferido para a semana seguinte. Essa discussão durou alguns minutos, mas parecia uma eternidade.

Eu fiquei tão envergonhado que desejei me esconder debaixo do banco. Orei para que não houvesse visitantes. Como experiente membro de igreja, disse comigo mesmo: "Nunca mais voltarei aqui!" Imagine como um convidado teria se sentido?

Quando uma pessoa fala com um membro de sua congregação, recebe um folheto evangelístico pelo correio ou deixa o carro no estacionamento da igreja, ela pode encerrar essas ocasiões como momentos de decisão. Um momento de decisão é qualquer oportunidade em que alguém entra em contato com sua comunidade e forma uma

impressão dela. Essa opinião acaba sendo generalizada a toda sua igreja. O resultado final do contato é um sentimento positivo ou negativo a respeito de sua denominação.

Pense como um convidado

Para entender a experiência de um convidado, você precisa deixar de lado sua compreensão sobre sua congregação e pensar como ele. Dos muitos momentos de decisão, vamos olhar para oito que geralmente são enfrentados pelos visitantes. Para cada um deles, pense sobre o que ocorre atualmente e o que deveria ocorrer quando alguém vai à sua igreja.

1. Dirigindo-se ao edifício da igreja. O paisagismo em torno de sua igreja é bem conservado? O estacionamento é pavimentado e livre de entulhos? As paredes e janelas exteriores do prédio são atraentes? Existem vagas de estacionamento especificamente reservadas para visitantes?

2. Chegando à entrada. Existem pessoas amigáveis saudando aos convidados antes de entrarem no edifício? A entrada é claramente identificada? A entrada possui um aspecto convidativo que diz: "Por favor, entre"?

3. Entrando no prédio. Os sons que os convidados ouvem ao entrar no prédio da igreja são edificantes? O odor é agradável? A decoração é atraente e acolhedora? As placas de direcionamento são facilmente visíveis? Há pessoas disponíveis para responder perguntas e dar assistência?

4. Encontrando pessoas amigáveis. Os membros da igreja são extrovertidos e acessíveis? Eles expressam atitude de

aceitação aos convidados? Eles demonstram simpatia autêntica?

5. Experimentando ministérios e serviços. Os fraldários estão limpos e abertos? Os banheiros estão limpos e livres de odores desagradáveis? As classes de escola bíblica são decoradas com bom gosto?

6. Conhecendo os recepcionistas. Os recepcionistas são sorridentes e expressam atitude amigável? A atmosfera da nave da igreja é vibrante e feliz? Há espaço para se sentar de modo confortável? Os convidados são recebidos gentilmente e tratados com respeito?

7. Participando do culto de adoração. A liturgia do culto é simples de seguir? Os hinos são fáceis para os convidados cantarem? As palavras dos hinos são compreensíveis? Os visitantes se sentem à vontade? Os convidados encontram uma atmosfera amigável ao sair da nave da igreja? Eles são recebidos de maneira positiva pelas pessoas ao seu redor? Eles são chamados para um lanche a fim de conversar e conhecer outras pessoas?

8. Recebendo um contato. Os convidados recebem um contato pessoal dentro de 48 horas após a primeira visita à sua igreja? Eles são convidados a voltar? Eles são surpreendidos, de alguma forma, com algum livro ou uma cesta de alimentos saudáveis? O endereço dos convidados é inserido em uma lista de interessados para contato futuro? Os visitantes recebem um boletim descrevendo os ministérios que podem despertar o interesse deles? Os membros da igreja os convidam pessoalmente para eventos especiais?



O que os convidados veem, experimentam e sentem a partir desses momentos de decisão em sua igreja? O que sua congregação pode começar a fazer para tornar essas experiências positivas para eles? Conforme você avança nessas áreas, proponha-se a fazer tudo com excelência e a passar muitas horas em oração, a fim de que as pessoas que vierem à sua igreja experimentem a presença de Deus. **M**



William de Moraes

o templo do Senhor

Pesquisa abrangente destaca evidências do santuário celestial no Antigo Testamento

Um dos temas mais controversos da teologia adventista está relacionado com a crença no santuário celestial e sua vinculação à dinâmica da salvação. Em *O Santuário Celestial no Antigo Testamento* (Academia Cristã; Ceplib, 2014, 520 p.), Elias Brasil de Souza, doutor em Exegese e Teologia do Antigo Testamento e diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da Igreja Adventista, apresenta um estudo de passagens do Antigo Testamento com o objetivo de destacar (1) a função do santuário celestial; (2) a relação do santuário celestial com seu correspondente terrestre e; (3) o conceito do santuário na Bíblia Hebraica.

O livro apresenta uma análise minuciosa de passagens-chave do Antigo Testamento, ampliando a pesquisa anteriormente publicada por Richard M. Davidson, "The Heavenly Sanctuary in the Old Testament", a qual mostrou a necessidade de uma futura investigação sobre o tema. De fato, poucos estudos acadêmicos têm sido dedicados ao assunto do templo/santuário celestial na Bíblia Hebraica.

Dividida em seis capítulos, a obra foi estruturada de tal maneira que sua argumentação percorre desde o pano de fundo da Bíblia Hebraica, no Antigo Oriente Próximo, até o último dos livros da *Tanakh*. No primeiro capítulo, o autor descreve a problemática da pesquisa, metodologia e uma revisão da literatura sobre o tema. Por sua vez, o segundo capítulo apresenta o conceito de santuário/templo no Antigo Oriente Próximo em textos egípcios,

sumerianos, acadianos, hititas e ugáricos, mostrando as similaridades e diferenças entre a concepção do povo de Israel e seus vizinhos quanto à existência e função de um templo/santuário celestial. As evidências apontam que eles entendiam o santuário celestial como local de habitação e atividade das divindades.

Ao tratar do tema do santuário celestial na Torá, no capítulo 3, o autor examina alguns acontecimentos narrados nos livros de Gênesis, Êxodo e Deuteronômio. Ele inicia sua exposição com o episódio da Torre de Babel, provavelmente um templo ou *zigurate*, segundo sua compreensão. A seguir, Souza analisa o sonho de Jacó, uma escada posta na Terra, cujo topo tocava nos céus (Gn 28:12). A escada e os atos culturais realizados pelo patriarca indicavam uma interação dinâmica entre a esfera terrestre e seu equivalente celestial. O estudo da palavra *tabnît* (modelo, figura, imagem [Êx 25:9, 40]) é apresentado à luz de seu contexto narrativo. Ao que tudo indica, a expressão revela que o templo celestial funcionou como arquétipo para o santuário terrestre.

A análise dos livros proféticos se concentra no capítulo 4. O autor destaca textos como a visão do trono e do templo celestial de Isaías 6:1-8 e a referência



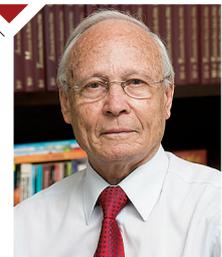
de Habacuque 2:20: "Mas YHWH está no Seu santo templo, [...]". Souza ainda explana acerca da descrição do "querubim cobridor" do santuário celestial e sua correspondência com o equivalente terrestre (Ez 28). De acordo com o pesquisador, o templo do Céu também é des-

critado como um lugar de adoração, expiação e julgamento. No capítulo 5, o autor analisa passagens relacionadas com essas funções, principalmente, no livro de Daniel.

O último capítulo agrupa *insights* dos capítulos anteriores e apresenta uma síntese teológica do tema. Souza conclui que a Bíblia Hebraica concebe o santuário celestial como o lugar das atividades divinas, existente em correspondência estrutural e vertical com seu equivalente terrestre. Além disso, o santuário parece desempenhar um papel proeminente no contexto do grande conflito, está intimamente vinculado ao tema da aliança e, evidentemente, é um lugar no Céu. Tal implicação se opõe à ideia de que essa edificação deve ser interpretada de maneira metafórica ou "como uma realidade de extensão igual ao Céu" (p. 435).

Sem dúvida, estudiosos de teologia, pastores e o público em geral serão grandemente beneficiados pela sólida pesquisa apresentada em *O Santuário Celestial no Antigo Testamento*. **TM**

A glória da cruz



Daniel Oliveira

O nome desta seção dá a entender que tudo o que é publicado aqui deve ser conclusivo. Portanto, é com profundo senso de responsabilidade que vou me esforçar para escrever algo que tenha significado.

Minhas reflexões têm como ponto de partida um rápido diálogo que mantive, em 1983, com uma jovem universitária, na igreja anglicana de St. Matthews, em Oxford.

– O senhor estuda nesta universidade? – ela me perguntou.

– Estudo no Newbold College e estou aqui, com alguns colegas, a convite de Børge Schantz, um de meus professores.

– E onde você estuda? – perguntei à jovem, que estava sentada ao meu lado.

– Vim do norte da Inglaterra para ouvir Michael Green. Ele prega para alcançar o coração, e não apenas o intelecto.

Quando o pregador abriu a Bíblia e leu o verso que daria a base de seu sermão, entendi o que aquela moça havia dito. Green falou sobre a inabalável convicção do apóstolo Paulo revelada em Gálatas 6:14: “Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo.”

Na viagem de volta ao colégio, quase não me lembrei do pregador, porque a visão do sacrifício de Jesus ofuscou a eloquência de Edward Michael Green. Quando coloquei a cabeça no travesseiro, continuei acordado por vários minutos, agradecido a Deus pelo precioso dom da salvação.

A cruz de Cristo precisa ser o centro de toda pregação. Os temas podem variar, mas a cruz deve ser o elemento balizador de cada mensagem. John Stott afirmou que a morte de Cristo é “a vitória ganha”, e a ressurreição, a vitória “endossada e proclamada”.

Em face disso, toda demonstração de sabedoria humana conspira contra a glória que irradia da cruz.



A cruz de Cristo precisa ser o centro de toda pregação. Os temas podem variar, mas a cruz deve ser o elemento balizador de cada mensagem”

Alguns pregadores gostam de fazer incursões na filosofia, no reino encantado da teologia esposada por eruditos famosos, para exibir conhecimento. Querem dar a impressão de que dominam vários campos do saber, apresentando definições complexas, conceitos de difícil decodificação. Dão pouco lugar ao “assim diz o Senhor” e muito espaço ao “assim dizem os teólogos”. Essa postura empavonada me traz à lembrança uma frase que ouvi do saudoso pastor Enoch de Oliveira, príncipe dos pregadores adventistas, no passado. Durante um concílio de pastores, ele afirmou que alguns pregadores oferecem “pasto demasiadamente alto para as ovelhas”. Nesse caso, só as girafas podem se alimentar...

Jamais defendi a superficialidade, a mesmice ou água com açúcar. Mas tenho plena convicção de que palavras simples, articuladas depois de profunda reflexão, podem expressar pensamentos elevados. A cruz de Cristo é o parâmetro que define o perímetro da pregação de grande alcance. A cruz é a demonstração mais eloquente de que Jesus preferiu ir ao fundo do poço a retornar para o Céu com as mãos vazias.

Max Lucado escreveu: “Cristo viveu a vida que não poderíamos viver e recebeu a punição que não poderíamos suportar, para oferecer uma esperança à qual não poderíamos resistir” (*Seu Nome é Jesus*, p. 116).

Ellen G. White resume o texto desta página: “A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, do Gênesis ao Apocalipse, precisa ser estudada à luz que vem da cruz do Calvário” (*Obreiros Evangélicos*, p. 315).

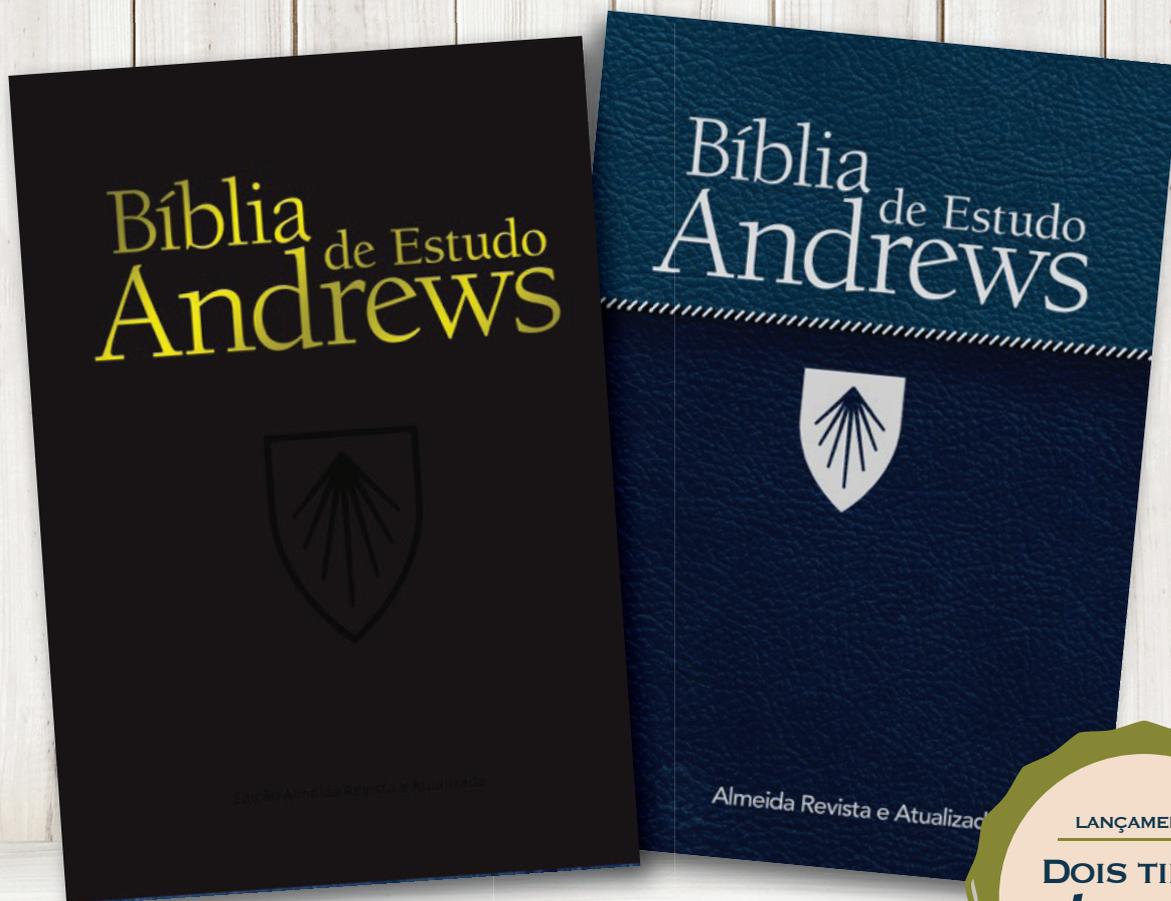
O Espírito Santo é fiel parceiro dos que fazem da mensagem da cruz a plataforma de suas pregações. **M**

Rubens S. Lessa
Pastor, foi editor-chefe da Casa
Publicadora Brasileira por 36 anos

Lançamento Especial

A PRIMEIRA BÍBLIA DE ESTUDO ADVENTISTA

Pricila Caju / Imagem: Fotolia



A *Bíblia de Estudo Andrews* apresenta as Escrituras de maneira prática e inovadora. A popular versão Almeida Revista e Atualizada foi complementada por uma rica coleção de recursos. Entre eles, encontram-se mais de 12 mil notas de estudos elaboradas por teólogos adventistas, mapas, sistema de referências, concordância e 26 tabelas com informações que facilitam a compreensão do texto bíblico.

0800-9790606 | www.cpb.com.br | CPB livraria
Se preferir, envie um SMS para o número 28908 com a mensagem CPBLIGA, e entraremos em contato com você.